



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA- PROLING

ANDERSON MONTEIRO ANDRADE

OS ADVÉRBIOS MODALIZADORES EM –MENTE NO USO DA LÍNGUA: UMA
ANÁLISE DISCURSIVO-PRAGMÁTICA

JOÃO PESSOA

2014

ANDERSON MONTEIRO ANDRADE

**OS ADVÉRBIOS MODALIZADORES EM – MENTE NO USO DA LÍNGUA:
UMA ANÁLISE DISCURSIVO-PRAGMÁTICA**

Dissertação submetida à universidade Federal da Paraíba para obtenção do grau de Mestre em Linguística pelo programa de Pós-Graduação em Linguística, na área Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos

JOÃO PESSOA

2014

A553a *Andrade, Anderson Monteiro.*

*Os advérbios modalizadores no uso da língua: uma
análise discursivo-pragmática / Anderson Monteiro Andrade. -
- João Pessoa, 2014.*

94f. : il.

Orientador: Denilson Pereira de Matos

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

*1. Linguística. 2. Advérbio em-mente. 3. Modalização.
4. Uso. 5. Efeito de sentido.*

UFPB/BC

CDU: 801(043)

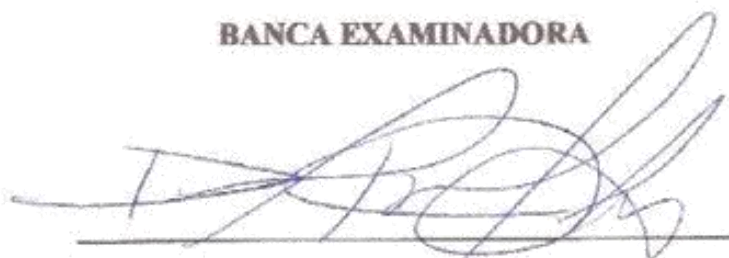
ANDERSON MONTEIRO ANDRADE

**OS ADVÉRBIOS MODALIZADORES NO USO DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE
DISCURSIVO-PRAGMÁTICA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós- Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Aprovada em: 14/03/2014

BANCA EXAMINADORA



Prof.^o Dr. Denilson Pereira de Matos

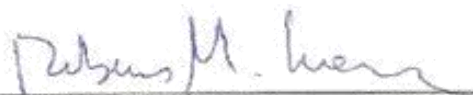
Universidade Federal da Paraíba- UFPB

(Orientador)

Prof.^o Dr.^a Mariangela Rios de Oliveira

Universidade Federal Fluminense- UFF

(Examinadora)



Prof.^o Dr. Rubens Marques de Lucena

Universidade Federal da Paraíba- UFPB

(Examinador)

Dedico este trabalho a minha família e a Rodrigo. Este, por ter sido o meu porto seguro nos momentos de aflição e angústia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por possibilitar a realização deste sonho. Serei sempre grato ao senhor por mais esta experiência que muito representa para o meu engrandecimento pessoal e profissional;

Ao meu dileto e estimável orientador Prof^o. Dr. Denilson Pereira de Matos, primeiramente pelo acolhimento quando ingressei no mestrado e, depois, pelos conselhos sempre muito valiosos e de uma riqueza que impulsiona ao sucesso. A ti sou grato pela amizade e, sobretudo, pela atenção, compreensão, paciência, ajuda e incentivo inesgotável ao longo destes dois anos de convivência acadêmica;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, pela concessão de bolsa de incentivo à pesquisa e, assim, ter contribuído para a concretização desta etapa;

À Delma, companheira de mestrado com quem sempre compartilhei as angústias, dificuldades e, de alguma forma, além da palavra amiga, esteve sempre pronta a ajudar no que fosse necessário;

À coordenação da Pós-Graduação em Linguística e aos funcionários da secretaria que foram de uma presteza sem igual, auxiliando e dirimindo todas as dúvidas burocráticas que surgiram;

Aos professores do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, que contribuíram significativamente na concretização deste objetivo. Dalva Lobão, aquele abraço!!

Aos amigos mais próximos que entenderam os meus momentos de renúncia e ausência, mas, ainda assim, sempre confiaram e acreditaram na minha capacidade.

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise discursivo-pragmática através do uso de advérbios modalizadores com sufixo- *mente* que estão materializados nos *corpora* do grupo Discurso e Gramática (D&G) e que, de alguma forma, representam os efeitos de sentido produzidos pelos usuários da língua em face do que enunciam. Como a modalização é passível de ocorrência através de alguns elementos linguísticos, a escolha pelos advérbios se deu pelo fato destes elementos apresentarem comportamentos linguísticos diversos seja no plano morfológico, semântico ou sintático. Sendo assim, como o fenômeno da modalização, de alguma forma, se efetiva também através de fatores pragmáticos e discursivos, acreditamos que seja importante analisar esta categoria através destes fatores que se representam recorrentemente na modalização. Assim, sabendo que na enunciação o emissor deixa marcas que permitem ao leitor/ouvinte depreender determinadas atitudes no evento comunicativo, esta pesquisa analisa, numa noção hipotético-dedutiva, os efeitos de sentido que se representam a partir de sentenças que se constituem através de advérbios modalizadores em *–mente*. Para tanto, observamos estes elementos linguísticos através de textos extraídos dos *corpora* (D&G) e, assim, através do fenômeno da prototipicidade, chegamos à conclusão do advérbio modalizador em *–mente* mais frequente e que nos permite pressupor que a sua ocorrência seja contínua em interações comunicativas diversas. Em seguida, observamos qual tipologia da modalização o usuário da língua utiliza com proeminência- modalizador epistêmico, deôntico ou avaliativo- e, após isto, discutimos quais as suas implicações para o processo da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Advérbio em *–mente*. Modalização. Uso. Efeitos de Sentido.

ABSTRACT

This work consists of a discourse-pragmatic analysis through the use of modal adverbs with suffix –ly, corpora that are materialized in the group Speech and Grammar, and that, in some way, represent the effects of meaning produced by language users in their enunciation. As the modality is likely to occur through some linguistic elements, the choice was made by adverbs because these elements present various linguistic behaviors: morphological, syntactic and semantic level. Thus, as the phenomenon of modality is, somehow, performed through pragmatic and discursive factors, we believe it is also important to analyze this category through these factors that recurrently represent the modality. So, knowing that in the enunciation, the sender shows some marks that allow the reader / listener infer certain attitudes in the communicative event, this research analyzes, a hypothetical-deductive notion that meaning effects are represented from sentences that are using adverbs modalizers ended in ly. To do so, we observe these linguistic elements through texts extracted from corpora (D & G) and thus through the phenomenon of prototypicality to conclude that the adverbs modalizers ended in ly are frequente and allows us to assume that their occurrence is continuous on distinct communicative interactions. Then, we observe what type of modality the language user uses frequently: deontic, evaluative and epistemic, and after that, we discuss their implications for the communication process.

Keywords: Adverbs ended in –ly; Modality; Usage; meaning Effects.

RESUMÉ

Ce travail consiste à une analyse discursive et pragmatique grâce à l'utilisation des adverbes modaux avec le suffixe “-mente” qui sont matérialisées dans les *corpora* du discours et le groupe de grammaire (D&G) et, d'une manière ou d'autre, représentent les intentions et les émotions de l'utilisateur de la langue par rapport à leurs énonciation. Puisque la modalité est susceptible de se produire avec quelques éléments linguistiques, nous avons choisi les adverbes parce que ces éléments présentent différents comportements linguistiques dans le niveau morphologique, syntactique ou sémantique. D'une certaine manière, le phénomène de la modalité est efficace par l'intermédiaire des facteurs pragmatiques et discursives, donc c'est important analyser cette catégorie par ces facteurs qui représentent de façon récurrente dans la modalité. Ainsi, nous savons que l'émetteur d'énonciation laisse des marques qui permettent le lecteur/auditeur déduire certaines attitudes dans la communication, cette analyse recherche, par l'intermédiaire d'une notion hypothétique-déductive, qui sont les prétendues intentions de l'utilisateur de la langue pour énoncier, oralement ou par écrit des phrases qui sont faites avec la termination adverbiale “-mente”. Pour cela, nous avons observé ces éléments linguistiques par l'intermédiaire des extraits des interviews de corpus (D&G) qui ont été répondu par écrit et ont représentés dans la transcription de l'oral. Donc, par l'intermédiaire du phénomène de prototypicalité, nous avons assumé que les adverbes modaux avec la termination “-mente” est plus fréquent dans les interactions de communication, et alors, nous avons observé le type de modalité que l'utilisateur de la langue utilise avec évidence – modal épistémique, déontique ou évaluatif. Après, et après cela, que nous avons discuté leurs implications pour le processus de communication.

Mot-clés: Adverbe avec la termination ‘-mente’. Modalisation. Utilisation. Effets de sens.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: A modalidade conforme Le Queler (1966).....	53
Tabela 2: Tipos de modalização.....	56
Tabela 3: Tipos e subtipos de modalização.....	62
Tabela 4: Ocorrências dos advérbios predicadores em <i>–mente</i>	70
Tabela 5: Ocorrência de advérbios modalizadores em mente nos <i>corpora</i> D&G.....	72
Tabela 6: Ocorrência do advérbio modalizador realmente nos <i>corpora</i>	72

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ocorrência dos advérbios em <i>-mente</i> nos corpora D&G.....	67
Gráfico 2: Advérbio em- <i>mente</i> sob o aspecto semântico nos corpora D&Gg (%).....	69
Gráfico 3: Ocorrência do <i>realmente</i> entre todos os advérbios em <i>-mente</i>	73
Gráfico 4: Ocorrência do <i>realmente</i> entre os predicadores.....	74
Gráfico 5: Ocorrência do <i>realmente</i> entre os modalizadores.....	74
Gráfico 6: <i>realmente</i> : advérbio modalizador epistêmico.....	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1	
Olhares sobre a categoria do advérbio.....	17
1.1 Um panorama acerca do advérbio: o que dizem as gramáticas e alguns linguistas.....	18
1.2. Os Advérbios modalizadores com sufixo - mente.....	30
CAPÍTULO 2	
A língua em seu uso: uma abordagem funcionalista	36
2.1- – A prototipicidade aplicada ao advérbio.....	38
2.2- Modalização na linguagem: os efeitos de sentido representados no enunciado.....	41
2.3-Os tipos de modalização.....	55
2.3.1.- Modalização epistêmica.....	56
2.3.2- Modalização deôntica.....	59
2.3.3- Modalização avaliativa.....	61
CAPÍTULO 3	
Procedimentos metodológicos.....	64
CAPÍTULO 4	
Advérbio modalizador em –mente: análise a partir do <i>Realmente</i>	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta algumas considerações acerca do advérbio através de sua possibilidade de marcar os enunciados a partir de determinadas atitudes de quem o produz nas interações comunicativas e, sendo assim, sabendo-se que os advérbios modalizadores com terminação em – *mente* são, assim como alguns itens lexicais, capazes de oferecer, na enunciação, a possibilidade de apreensão de atitudes, crenças, sentimento do emissor em face do que enuncia, pretendemos, com esta pesquisa, analisar o advérbio numa representação discursivo-pragmática, pois, de alguma forma, estes fatores têm sido, ao nosso ver, pouco considerados nas definições desta categoria.

Acrescente-se que esta afirmação ganha ênfase a partir do que observamos em alguns compêndios que têm, proeminentemente, definido o advérbio como elemento invariável capaz de modificar o sentido do verbo, adjetivo ou outro advérbio através de determinadas circunstâncias e, na sentença, sua ocorrência pode ser acessória. Logo, o que se percebe ao analisar os compêndios é que existe uma propensão à observação desta classe de palavras através de fatores morfológicos, semânticos e sintáticos, sem, contudo, observá-lo numa dimensão discursiva e pragmática, não levando em consideração os efeitos de sentido nem tampouco as interações comunicativas.

Diante disto, afirmamos que uma abordagem que possa vislumbrar a fluidez dessa categoria que se torna passível de ocorrência em situações discursivo-pragmáticas pode ser representada através de uma investigação em que o uso da língua se efetive nas interações comunicativas. Sendo assim, objetivamos investigar o comportamento linguístico dos modalizadores que emergem através dos advérbios com terminação em – *mente* que estão materializados nos *corpora* do grupo Discurso e Gramática, doravante D&G.

Destarte, dentre outras possibilidades de perscrutar o advérbio numa acepção em que fatores discursivos e pragmáticos estejam envolvidos, escolhemos analisar a ocorrência destes fatores através dos modalizadores em –*mente* que permitem investigar o engajamento do enunciatador através do conteúdo proposicional enunciado. Para tanto, os efeitos de sentido e o

contexto em que se inscreve o evento enunciativo são levados em consideração na abordagem que fazemos nesta pesquisa.

Sendo assim, objetivamos, especificamente, a-) investigar qual o modalizador adverbial em –mente mais frequente nas interações comunicativas através dos *corpora* analisados e, assim, afirmar , também, qual tipo de modalização o usuário da língua aciona proeminentemente nas suas interações de comunicação: epistêmica, deôntica ou afetiva/avaliativa e quais as suas implicações para o processo comunicativo; b-) analisar quais efeitos de sentido representam-se em sentenças em que estejam presentes o modalizador adverbial em – mente mais frequente e, desse modo, conjecturar quais os efeitos destes usos numa análise em que a comunicação se instaure.

Este trabalho está dividido através de capítulos que procuram, de alguma forma, envolver outros olhares acerca do advérbio que a tradição gramatical não tem contemplado satisfatoriamente. Dessa forma, no primeiro capítulo, fazemos uma incursão acerca do que estabelecem os compêndios gramaticais em relação ao advérbio. Para tanto, utilizamos as considerações de gramáticos que têm estudos ligados a questões históricas da língua como se pode observar em Said Ali (1971) e Coutinho (1973); gramático que investiga a língua que se representa em um sistema através de uma abordagem estruturalista: Macambira (1987) e gramáticos que abordam a representação normativa da língua: Almeida (1999), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2008), Luft (1990), Rocha Lima (1985) e Silveira Bueno (1963).

Estas análises são necessárias para que se possa observar qual tem sido o tratamento discursivo e pragmático que os compêndios têm apresentado em relação ao advérbio. Assim, como não observamos este tratamento nos materiais analisados, a justificativa de nosso trabalho consiste na necessidade de observar o advérbio numa representação em que estes fatores sejam envolvidos, pois constituem a representação da língua em uso e, sendo assim, seja possível observar o advérbio como categoria fluida que se constitui através das pressões do uso.

Além da análise em alguns compêndios, observamos o que asseveram alguns linguistas quando descrevem o advérbio como pertencente não a uma única classe gramatical, pois devido aos traços diversos que o representa, não é possível considerá-lo em uma única categoria, dada a sua híbrida representação. Destaque-se, dessa observação, Perini (2006). Nesse sentido, cabe

pensar se realmente existe essa classe dos advérbios, vez que acreditamos que o que existe, na verdade, é uma mistura de classes pelo fato de seus comportamentos tão diversificados.

Ainda no primeiro capítulo, apresentamos discussão acerca dos advérbios modalizadores em – mente através dos postulados de Castilho e Castilho (1993), Castilho (2012), Martelotta (2012), entre outros. O interesse que nos impulsiona ao discorrer sobre esta representação adverbial é o de que se possa vislumbrar outra possibilidade de se analisar o advérbio além das observações em que se constituem representações canônicas que não contemplam, por exemplo, os atos de fala ilocucionários que se efetivam pelas modalizações etc.

Sendo assim, percebe-se que o tratamento oferecido pela tradição ao item lexical que se junta a um sufixo –mente é o de que a sua representação se estabelece, prioritariamente, pela tipologia advérbio de modo, desprezando, assim, os possíveis efeitos de sentido representados no instante da enunciação, vez que esta junção (adjetivo + mente) também é suscetível através da ocorrência das modalizações que instituem fatores discursivo- pragmáticos.

Diante do já exposto, enfatizamos que um fator que tem de ser observado entre as abordagens funcionalistas é a verificação de como os usuários da língua se comunicam e, sendo assim, como nossa pesquisa tem por referência uma investigação através de aspectos discursivos e pragmáticos que emergem das interações entre os usuários, discutimos, no segundo capítulo, o cerne da representação funcionalista que analisa como os interactantes se comunicam e, assim, tomam a língua enquanto função.

Nesse sentido, discutimos, grosso modo, sobre o termo função que se estabelece numa abordagem de língua descrita pelas pressões do uso. Ademais, apresentamos uma tendência funcionalista que investiga a ocorrência de determinada categoria através da frequência que se representa nos usos da língua. Dessa forma, a prototipicidade é levada em consideração nesta pesquisa, uma vez que a utilizamos para observar qual o prototípico modalizador adverbial em – mente que ocorre nos *corpora* analisados e, assim, permite-nos afirmar que seja o que frequentemente ocorre nas diversas manifestações de comunicação. Nesse sentido, esta teoria concebe a existência de um membro típico ou central de determinada categoria e outros menos típicos ou periféricos.

Diante do que afirmamos, há que se ressaltar que a noção prototípica de determinada categoria é representada ou pela reunião de traços e nuances que se relacionam à categoria analisada ou pelo viés da quantificação de frequência em que determinado elemento linguístico mais ocorre. Assim, torna-se mister enfatizar que a abordagem realizada em nossa pesquisa acerca do advérbio modalizador prototípico se estabelece através da segunda situação, ou seja, da quantificação das ocorrências nos *corpora*.

Para que possamos ampliar o conceito de modalização que se efetiva recorrentemente nas interações comunicativas, aprofundamos, ainda no segundo capítulo, discussão sobre o fenômeno da modalização que pode ser representada através de determinados itens lexicais. Ressalte-se, aqui, que a nossa investigação parte de apenas um dos vários elementos linguísticos capazes de estabelecer determinadas atitudes do usuário em relação ao conteúdo proposicional. Assim, a observação realiza-se através dos advérbios modalizadores em – mente.

Ainda nesse capítulo, discutimos a importância da lógica filosófica para o estudo das modalizações e a sua interface com a linguística que institui possibilidades de ocorrência através de algumas tipologias: modalização epistêmica, deôntica e afetiva/avaliativa, além de suas subtipologias. Diante disto, há que se ressaltar que a discussão acerca da modalização representa-se principalmente através do que postulam os seguintes teóricos: Castilho(2012), Cervoni (1989), Lyons (1977), Koch(1987), Nascimento e Silva (2012), Neves(2006), entre outros que, de alguma forma, traduzem o que representa o fenômeno da modalização.

No terceiro capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a efetivação da análise dos dados que se encontram materializados nos *corpora* do grupo Discurso e Gramática e que conta com entrevistas feitas com informantes de cinco localidades diferentes do Brasil que respondem a perguntas através de texto oral que, em seguida, são, por eles, retextualizados para a modalidade escrita. Os pormenores do percurso metodológico e a natureza dos *corpora* analisados estão, como já mencionado, descritos no terceiro capítulo deste trabalho.

No quarto capítulo, analisamos, conforme o percurso metodológico que adotamos, qual o advérbio modalizador em –mente mais frequente e, assim, chegamos à conclusão de que este seja o mais prototípico da categoria em se tratando da noção de frequência. Ressalte-se que se

encontram nos anexos deste trabalho apenas um recorte dos *corpora* utilizados. Assim, os enunciados utilizados dos *corpora* compõem os anexos desta pesquisa. Nesse sentido, no momento em que chegamos ao modalizador em –mente mais frequente, observamos a sua ocorrência em dez enunciados que dividimos em dois grupos, a saber: modalizador epistêmico asseverativo que denominamos de modalizador de primeira ordem e modalizador epistêmico quase- asseverativo (de segunda ordem).

No final do trabalho, lançamos mão de discussão que permita observar a necessidade de uma análise adverbial em que aspectos pragmáticos e discursivos estejam representados e, além disso, observamos o quanto estes aspectos estão envolvidos nos advérbios –em mente modalizadores, pois, de alguma forma, estes fazem emergir determinadas atitudes do usuário da língua no momento em que são enunciados. Logo, não se representam ao acaso, mas agregam valores, atitudes etc. Ademais, apresentamos qual o tipo de modalização mais frequente nos corpora investigados e que, de alguma forma, seja também a mais utilizada no estabelecimento de comunicações diversas.

Capítulo 1

Olhares sobre a categoria do advérbio

Apresentamos, nesse capítulo, algumas considerações de gramáticos e linguistas acerca desta categoria fluida e híbrida denominada advérbio. Assim, o que apresentamos é para que se possa ter uma noção de como esta classe gramatical se representa no uso da língua. Dessa forma, apresentamos uma investigação sobre o conceito clássico de advérbio, procurando demonstrar que, devido à errada concepção de que esta categoria apresenta características gramaticais lineares, os compêndios analisados oferecem propostas teóricas questionáveis, seja no que diz respeito à sua classificação e como este elemento representa-se no enunciado.

Nesse sentido, como analisamos especificamente os modalizadores que apresentam as atitudes do enunciador no instante da comunicação, escolhemos aqueles que se representam através de advérbios com sufixo-mente. Logo, a explicação ou objetivo deste capítulo é, sobretudo, para que se tenha uma ideia do comportamento do advérbio no enunciado e que, de alguma forma, se reconheçam as características deste elemento gramatical que tem, também, a possibilidade de representar os efeitos de sentido materializados em discursos diversos.

Destarte, este capítulo revisita obras e autores que estudam e descrevem a representação do advérbio no enunciado. Assim, pretendemos apresentar um conjunto considerável de opiniões a respeito do papel e do funcionamento do advérbio, bem como as divergências e aproximações possíveis entre elas, visando confirmar os problemas que há numa proposta que pretenda enquadrar o advérbio nesta ou naquela categoria, bem como compreender de forma unilateral seu funcionamento nas relações com as palavras e no interior das orações.

Além disso, pretendemos sinalizar, ainda que preliminarmente, uma indicação de abordagem que o observe no âmago de suas relações morfossintáticas, semânticas e também, pragmático-discursivas, observando-o não apenas em termos estruturais, mas, também, funcionais.

Diante do exposto, a discussão neste capítulo parte de considerações de gramáticas históricas como se pode observar em Said Ali (1971) e Coutinho (1973); gramático que entende a língua que se representa em um sistema, logo inseridos numa abordagem estruturalista

da língua: Macambira (1987); gramáticos que abordam a representação normativa da língua: Almeida (1999), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2008), Luft (1990), Rocha Lima (1985) e Silveira Bueno (1963); linguista que procura descrever o advérbio como pertencente não a uma única classe gramatical, pois devido aos traços diversos que o representa, não é possível considerá-lo em uma única categoria, dada a sua híbrida representação: Perini (2006); linguistas que discutem o potencial funcional dos advérbios: Bonfim (1988) e Neves (2000). A discussão acerca dos advérbios modalizadores se efetiva através dos postulados de Castilho (2012), Martelotta (2012) e Neves (2000) e (2006).

Feita esta exposição, não é demais dizer que a palavra advérbio apresenta, da mesma forma que a palavra adjetivo, o prefixo ad-, que estabelece noções de proximidade, contiguidade. Neste sentido, boa parte dos trabalhos consultados leva em conta essa afirmação de que pela sua proximidade em relação ao verbo, ao adjetivo e outro advérbio estabelecem circunstâncias. Mas será que é só isso? Será que é devido à proximidade que estas circunstâncias aparecem? Para que se possa entender melhor esta característica híbrida do advérbio que tem gerado bastante discussão, sobretudo em sua difícil conceituação, vejamos o que estabelecem os seguintes autores: gramáticos e linguistas, no que diz respeito às definições e exemplos dados por eles.

1.1-Um panorama acerca do advérbio: o que dizem as gramáticas e alguns linguistas

Silveira Bueno (1963,p.135) define o advérbio como palavra que expressa uma circunstância do verbo ou a intensidade da qualidade dos adjetivos. Além do exposto, “podemos ainda ter o caso de vir reforçado o advérbio por outro advérbio e então indicará a quantidade, a força da circunstância do verbo”. A esta definição é importante observar o exemplo do gramático:

(1) O artista cantou **divinamente** bem.

Acreditamos que este exemplo se enquadra na proposta que investigamos em nossa análise quando observamos a representação modalizadora que marca os propósitos do enunciador, apresentando, assim, suas opiniões, juízo de valor etc. Logo, percebemos que o advérbio **divinamente** não indica somente a quantidade ou a força da circunstância do verbo

como propõe o gramático anterior, mas, principalmente, marca a opinião do enunciador em face do que ocorreu. Logo, este advérbio, neste exemplo, indica a atitude do falante em relação ao que foi cantado pelo artista.

Nesse sentido, é possível afirmar que este advérbio é um modalizador que marca a subjetividade de quem o enunciou em face da ação desenvolvida. Assim, é possível que para outro expectador o artista não tenha cantado **bem** ou **divinamente bem**. Ademais, podemos estabelecer que este exemplo não seja capaz de mensurar a quantidade do quanto cantou o artista. Percebe-se, então, que a representação modalizadora afetiva/avaliativa não é considerada pela definição proposta por Silveira Bueno (1963, *idem*) e, sendo assim, fatores discursivo-pragmáticos não estão envolvidos na abordagem deste teórico.

Em Almeida (1999, p.316) é possível encontrar a definição de advérbio como “..toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio”. De acordo com este teórico, é possível caracterizar o advérbio a partir de três aspectos, a saber: i-) quanto à circunstância; ii-) quanto à função; iii-) quanto à forma. É importante que distingamos cada aspecto respectivamente.

O aspecto circunstanciador considera a ideia de que determinado advérbio apresenta: ideia de lugar, de tempo, de modo, de negação, de afirmação, dentre outros. O aspecto funcional, por mais que o autor faça menção a este, não é definido na obra em análise. Assim, fica uma lacuna do que seria, segundo o autor, este aspecto funcional. O aspecto formal é definido por Almeida (1999, p. 332) como “advérbios propriamente ditos e em locuções adverbiais” em que os primeiros representam-se numa única palavra e as locuções são representadas pela composição de duas ou mais palavras que exprimem determinadas circunstâncias.

Cunha e Cintra (2008, p.555) estabelecem que o advérbio “é, fundamentalmente, um modificador do verbo [...] a essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhes são privativas” e, sendo assim, podem reforçar o sentido de :

i-) um adjetivo:

(2) Ficará **completamente imóvel** ;

ii-) um advérbio:

(3) O homem caminha **muito devagar**.

Todavia, os autores fazem uma ressalva de que alguns advérbios podem modificar toda a oração, como nos seguintes exemplos:

(4) **Possivelmente**, não haverá ceia este ano; Eu me recuso, **simplesmente**.

A esta ressalva, Cunha e Cintra (2008, p.556) estabelecem que, neste caso, os advérbios “vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração, de cujos termos se separam por uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula”, como podem ser observados nos exemplos sugeridos pelos autores. Percebemos que em (2), (3) e (4) não há nenhuma referência dos gramáticos em relação à modalização que se apresenta nestes exemplos, permitindo, assim, mais uma vez, afirmar que as marcas intencionais produzidas pelo emissor no enunciado não é observada, ou pelo menos, referida pelos gramáticos a que os exemplos se referem.

Macambira (1987, p.42), por se coadunar ao viés estruturalista apresenta algumas considerações acerca do advérbio, dividindo-as a partir dos seguintes aspectos: i-) aspecto mórfico; ii-) aspecto sintático; iii-) aspecto semântico. Pelo aspecto mórfico, pertence à classe do advérbio “toda palavra que termina por meio do sufixo –mente, donde resultam oposições formais com o adjetivo que lhe corresponde”, como estes:

(5) doce - **docemente**; sábio – **sabidamente**

Acerca desta consideração é possível estabelecer que as palavras que terminam com sufixo-mente não podem ser vistas apenas pelo seu aspecto mórfico, mas enquanto elemento possível de estabelecer como o usuário modaliza o seu discurso.

Macambira (idem) assevera que pelo aspecto sintático “pertence à classe do advérbio toda palavra invariável que se articula com os advérbios *tão*, *quão* ou *bem*”, como nos exemplos sugeridos pelo gramático:

(6) *tão* perto, *quão* perto, *bem* perto.

Todavia, Macambira (1987, p.42) faz uma ressalva de que alguns advérbios como *aqui*, *ali*, *acolá*, dentre outros, não se deixam preceder por *tão* nem por *quão*.

Pelo aspecto semântico, “pertence à classe do advérbio toda palavra que exprime qualidade ou circunstância”. No entanto, o próprio autor reconhece que essa definição é insuficiente, pois “o exprimir qualidade compete igualmente ao substantivo e ao adjetivo” (MACAMBIRA, 1987, p.43). Para ilustrar, observemos os exemplos sugeridos pelo autor:

(7) Eu durmo com **tranquilidade**;

(8) Eu durmo **tranquilo**;

(9) Eu durmo **tranquilamente**.

Percebe-se que o autor acrescenta em (9), um exemplo de base adverbial e, nesse sentido, ele assevera que “o substantivo, o adjetivo e o advérbio, iguais sob o aspecto semântico, sem qualquer dúvida, exprimem qualidade: conceitualmente são iguais, só linguisticamente é que diferem” (MACAMBIRA, 1987, p.43).

Em face das considerações do referido teórico acerca da classe dos advérbios, percebemos que ele estabelece que seja possível definir o advérbio sob os aspectos mórficos e sintáticos, porém o mesmo não ocorre com o aspecto semântico, pois o fenômeno gramatical só pode ser definido a partir de termos linguísticos, o que não acontece, conforme o autor, com o aspecto semântico. Sendo assim, a definição canônica, ainda que controversa do advérbio como palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio, ganha sustentação a partir da afirmação dos aspectos mórficos e sintáticos.

Há que se ressaltar ainda que Macambira (1987, p. 43-44) estabelece que conforme a entrada da Nomenclatura Gramatical Brasileira, doravante NGB, torna-se necessário expandir esta noção sintática, incluindo, então, o pronome e o numeral que antes da NGB pertenciam à classe do adjetivo. Desta feita, a noção envolvendo os aspectos mórficos e sintáticos teria também que abarcar o advérbio como modificador do pronome e do numeral.

Macambira (1987, p 44) esclarece a possibilidade do advérbio modificar substantivos ainda que em casos excepcionais, como os que o autor exemplifica:

(10) Homens **assim** mudarão a face da terra;

(11) **somente** o futuro entenderá;

(12) Meu amigo **aqui** entenderá;

(13) O exemplo **acima** elucida a regra.

Além dessa possibilidade do advérbio modificar o substantivo, Nesfield *apud* Macambira (1987, p. 44), estabelece a possibilidade do advérbio também modificar a preposição e a conjunção e, sendo assim, a definição admitida não é suficiente, uma vez que pode modificar preposições e conjunções, como nos exemplos que se seguem:

(14) O pássaro voava **exatamente sobre** a cabeça do adormecido;

(15) Chegou **muito após** a hora marcada;

(16) Aborreço este lugar **somente porque** o ar é muito quente;

Kury (1961, p.78-79) institui que o advérbio “é uma palavra de natureza nominal ou pronominal que se acrescenta primordialmente: a) à significação de um verbo; e também b) à de um adjetivo, c) de outro advérbio, e finalmente d) à de toda uma frase”.

Pontes (1966, p 144) define o advérbio como palavra que exprime uma circunstância e modifica comumente o verbo, o adjetivo ou outro advérbio. Essa definição nos parece um tanto consensual entre os diversos compêndios, mas este autor acrescenta algo particular em relação aos advérbios de modo. A estes, o autor afirma que se formam a partir de um adjetivo, “dando-se-lhe a flexão feminina e acrescentando-se-lhe o sufixo -mente” (PONTES, 1966, p. 144). Todavia, não há a indicação de que, a partir desta formação, estes advérbios agreguem juízos de valor, ou expressem as opiniões e objetivos do enunciador na enunciação.

Rocha Lima (1985, p.153) estabelece que os advérbios sejam palavras capazes de modificar o verbo e, sendo assim, têm por função expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal. Além dessa possibilidade, o autor assevera que alguns advérbios podem indicar o grau de alguns adjetivos ou outros advérbios. Assim, percebe-se, pelos exemplos abaixo, que alguns advérbios não modificam o verbo, mas adjetivos ou outros advérbios:

(17) Nunca vi olhos **tão lindos!**

(18) **Quão bela** estás!

(19) Porque chegaste **tão cedo?**

(20) **Quão nobremente** procedeste.

Além desta definição já amplamente disseminada pelos compêndios gramaticais, Luft (1990, p. 120) acrescenta algumas considerações que julgamos pertinentes serem explanadas neste momento. Para o autor, os verdadeiros advérbios, se é que podemos dizer com estes termos, são aqueles cujas palavras estão ligadas à lógica das circunstâncias e são apenas cinco, a saber: onde? Com que? Por que? Como? Quando? Assim:

[...]se eliminarmos *com que* e *por que*, pelo fato de serem locuções (sintagmas preposicionais- SP) e não palavras- palavras interrogativa aí é *que*: pronome interrogativo substantivo, ficamos com três advérbios propriamente ditos: lugar, modo e tempo: Onde? *Aqui, aí, ali...* Quando? *hoje, ontem, amanhã...*” (LUFT1990, p. 120)

Acrescente-se nesta observação o **como** que não foi citado pelo autor, mas que é indicativo de modo, conforme estabelecem as gramáticas e representam-se, por exemplo, como: vagarosamente, rapidamente etc. Nota-se, portanto, que esta representação adverbial se coaduna à tradição gramatical que tem por escopo a classificação dos advérbios terminados em –mente como advérbios de modo, desprezando, pois, a possibilidade destes marcarem o enunciado através de determinadas finalidades de quem enuncia.

Além do que já expusemos, há a consideração de que determinadas palavras não se enquadram entre os advérbios pelo fato de romperem com os aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos e, sendo assim, têm classificação à parte. São as palavras denotativas indicadoras de exclusão, inclusão, situação, designação, retificação, realce, afetividade etc. Nesse sentido, tais palavras não podem ser consideradas advérbios pelo fato de não modificarem o verbo, o adjetivo ou outro advérbio. Estiveram também nesta categoria denotativa, antes da NGB, palavras indicadoras de afirmação, negação, dúvida e intensidade. Contudo, com o surgimento da NGB, tais palavras foram consideradas advérbios circunstanciadores.

Para Bechara (2009, p.287), o advérbio “[...] é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição etc) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”. Este gramático ainda assegura que “o advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira”. Para melhor esclarecer, vejamos os exemplos propostos por Bechara (2009, p. 288):

(21) José escreve **bem**. (advérbio em referência ao verbo).

(22) José é **muito** bom escritor. (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

(23) José escreve **muito** bem. (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

(24) **Felizmente** José chegou. (advérbio em referência a toda a declaração.)

Percebe-se que em (24) o gramático deixou de mencionar a representação subjetiva que está marcada através do uso do advérbio **felizmente**, sendo, portanto um elemento modalizador que agrega um valor afetivo conforme propõe Castilho e Castilho (1993) ou avaliativo nos termos de Nascimento e Silva (2012) por apresentar o ponto de vista de quem enunciou esta oração.

Ainda acerca do que estabelece Bechara (2009, p. 288), “os advérbios assinalam a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o estado de coisas designado na oração”. Nesse sentido, de forma genérica, para este gramático, os principais advérbios são os que indicam circunstância de tempo, lugar e modo. Contudo, outra possibilidade de representação do advérbio pode ser observada quando o advérbio tem a função de modificador de substantivo quando este não é visto enquanto substância e sim enquanto qualidade que determinada substância apresentada. Vejamos esta possibilidade a partir do seguinte exemplo sugerido pelo referido gramático:

(25) Pessoas **assim** não merecem nossa atenção.

Percebemos que esta contribuição de Bechara (2009) permite, de alguma forma, fazer uma observação mais ampla do advérbio, pois tal exemplo permite depreender que há uma

interlocução presente, ou seja, há uma contextualização, uma vez que o **assim** funciona como elemento anafórico que estabelece, conforme o exemplo, uma referência do que merece, de fato, a atenção das pessoas.

Coutinho (1973, p.263) afirma que o advérbio português deriva do latim, pois a língua vulgar latina costumava formar locuções cujos valores tinham base adverbial. Nesta consideração de que os advérbios portugueses têm origem no latim vulgar, o autor estabelece que o processo de formação nas línguas românicas do advérbio de modo com sufixo em – mente se inicia com a formação da construção antes separada de *bona* + mente. Assim, conforme Leite de Vasconcelos *apud* Coutinho (1973):

[...]em português antigo até se separavam os dois elementos do advérbio: *mente*, na sua qualidade de substantivo, e o adjetivo correspondente, por exemplo, *cortês mente*; nas locuções à *boa mente*, *de boa mente*, as quais, por causa do *a* e do *de*, é menos exato escrever *boamente*, mostra-se ainda *mente* como substantivo.

Esta consideração permite-nos observar o surgimento dessa construção que é comumente utilizada nas interações comunicativas na atualidade, sendo, inclusive, elemento linguístico modalizador do discurso.

Além da consideração referida, Coutinho (1973, p. 264) estabelece que era comum no latim vulgar, como se faz comum também no português, o emprego do adjetivo com valor adverbial, como nos exemplos:

(26) Falar **alto**;

(27) Comprar **caro**;

(28) Andar **apressado**.

Quando parece que já encontramos tudo sobre o advérbio. Nos grifos de Coutinho (1973, p. 275) percebemos o quão é importante também a referência que ele faz acerca do uso das locuções adverbiais de modo que “são constituídas de preposição e substantivo, adjetivo ou

advérbio: de roldão, de propósito, de repente, de novo, de pronto, com efeito, sem dúvida, em vão, por acaso, por certo”.

Após as considerações do referido autor que, de alguma forma, nos fizeram pensar no uso do advérbio em português a partir de uma relação com o latim vulgar, ficamos com a impressão de que mais que entender as similaridades, aumenta a necessidade de defini-lo de forma suficientemente capaz de agregar o aspecto morfológico, sintático e semântico e, porque não, discursivo-pragmático.

Ainda numa abordagem histórica, Said Ali (1971, p. 183) afirma que muitas locuções adverbiais formadas a partir de preposições e substantivos remontam do latim vulgar e, sendo assim, “por algumas locuções deste tipo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer como um sufixo derivativo”.

Atentamos ainda para o que concerne Said Ali (idem, 184) acerca da conceituação do advérbio. Dessa maneira, afirma o gramático que o advérbio é um vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio, pois, de alguma forma, “acrescenta a estoutras palavras o conceito de tempo, lugar, modo etc, que lhes delimita ou esclarece o sentido, sem, contudo, exercer, como o acusativo, o dativo e o objeto indireto circunstancial função puramente complementar”.

Percebemos, então, neste dizer do gramático, algo que vai além do que já se convencionou dizer acerca do advérbio, pois há a referência ao dativo e acusativo da língua latina. Assim, conforme estabelece o gramático, o advérbio não cumpre função integrante, complementar na cláusula, mas o seu uso tem função importante dentro da construção oracional, sendo, então, determinante para o aspecto sintático-semântico frasal.

Julgamos importante destacar o que assevera Said Ali (1971, p.187-189) quando diz que determinadas conjunções utilizadas no português contemporâneo já foram exemplos prototípicos de advérbios. Assim, é possível afirmar que o advérbio é verdadeiramente uma classe bastante híbrida, difícil de conceituá-la devido à tênue fronteira estabelecida em relação a outras classes gramaticais. Nesse sentido, o referido gramático apresenta algumas palavras que hoje atuam na cláusula como conjunção, mas que já funcionaram como advérbios. Como exemplo, podemos

observar a conjunção **porém** que destoa do grupo se considerarmos a possibilidade das conjunções poderem deslocarem-se para o meio e até mesmo para o fim da oração, ainda que estas tenham uma ordenação prototípica nos enunciados: parte central, servindo, pois, como elemento conector de orações ou termos.

O referido autor estabelece que esta palavra, usada no português arcaico tinha o sentido de *por isso*. Ainda que tenhamos observado essa noção de sentido do **porém**, diferente do que usamos hoje, a palavra com sentido de “por isso” não adentrou na linguagem da renascença e, assim, passa a dizer o mesmo que “mas”, “apesar disso”, “contudo”. Dessa forma, “deixa de expressar a noção de causa determinante de certo ato, para denotar oposição de ideias ou pensamentos” (SAID ALI, 1971, P. 187).

Outra palavra hoje empregada como conjunção e que já serviu como advérbio é a palavra **talvez**. Segundo o autor, esta palavra, indicativa de quando não existe plena certeza da veracidade de um fato, apresenta, na atualidade, maior produtividade do que o “porventura” que era a forma utilizada anteriormente. Nesse sentido, a palavra **talvez**, numa visão diacrônica de seu uso, não se referia à dúvida por parte do indivíduo informante, mas a um conceito de tempo referido ao verbo da oração que era representado assim: **tal vez**. Esta palavra foi, a princípio, um advérbio de tempo significando **certa vez, alguma vez**.

Após estas considerações acerca do advérbio numa representação história que, de alguma maneira, explica alguns usos na atualidade representados na morfologia, na sintaxe ou na semântica através do que estabelece a gramática, passemos, agora, a observar o advérbio sob um viés mais linguístico.

Perini (2006, p.161) é categórico ao afirmar que os “advérbios pertencem não a uma classe, mas a várias classes” que são nitidamente diferentes quanto ao tipo de significado e quanto à sua função na oração. Nesse sentido, Perini estabelece que seja meramente impossível colocar todos os advérbios em uma única classe, pois estes não têm comportamento gramatical semelhante e sim bastante diversificado. Esta consideração de Perini (2006, p. 161) corrobora com o que assinala Hagége *apud* Bagno (2011, p.442) quando nega a existência da classe dos advérbios, vez que para este autor:

[...] a tradição gramatical ocidental aplica o rótulo de advérbio a um conjunto de palavras que têm funções muito heterogêneas: complementos circunstanciais (ontem, hoje, mal, bem), determinantes de adjetivos e de outros advérbios (muito bonito, bem cedo), operadores argumentativos (talvez), conectivos entre enunciados (de fato, sem dúvida) etc.

Após indicar alguns exemplos que ratificam o seu pensamento de que várias classes envolvem o advérbio, Perini (2006) assevera que é bastante difícil descobrir traços gramaticais importantes que unam todos os advérbios e, dessa forma:

[...] ninguém até hoje conseguiu isso, tanto mais que o valor semântico desses itens também varia: alguns modificam qualidades, outros ações, outros referentes, alguns expressam atitude do falante, alguns negam ou afirmam; alguns são especializados; outros ocorrem em grande variedade de ambientes. Chamar a todos de advérbios é ignorar um mundo de fenômenos gramaticais importantes” (PERINI, 2006, p.163-164).

Intensificando esta consideração descritiva do advérbio, passemos a observá-lo a partir dos postulados de Bomfim (1988) que vai de encontro ao que estabelece a tradição gramatical. Nesse sentido, esta autora considera que os advérbios de afirmação e de negação e os advérbios de dúvida não se conciliam com a definição canônica oferecida pelos compêndios, pois não expressam circunstâncias, não dizem respeito ao processo verbal nem são intensificadores.

Dessa maneira, a autora destaca que não é possível considerar como advérbios as palavras indicadoras de afirmação e de negação, como também não é possível considerar os advérbios de dúvida como tal, pois além de não se relacionarem ao processo verbal, a falta de certeza é de quem expressa determinada sentença. A linguista ainda estabelece que alguns advérbios definidos como de intensidade, na verdade, são pronomes indefinidos, pois não são intensificadores. Vejamos:

(29) Comeu **pouco**.

(30) Comeu **poucas** frutas.

Ainda conforme a autora, os advérbios modelo são os de modo, terminados em –mente, formados a partir de adjetivos, pois estes são verdadeiros modificadores verbais. Todavia, a

autora assevera que nem toda palavra em –mente expressa modo. Assim, “(...) muitas dessas palavras não são, de fato, modificadores e outras não estão, por outro lado, ligadas a circunstâncias de nenhuma natureza”. (BOMFIM, 1988, p.10).

Por todas as considerações aventadas até aqui, em linhas gerais, é possível afirmar que é bastante variada a representação dos advérbios. Uma classe de palavra, verdadeiramente, mista e difícil de conceituar. Os autores supracitados nos dão a impressão de quanto é impreciso definir tal categoria, pois não observamos uma confluência no que poderia ser a definição desta classe de palavras. Nesse sentido, percebemos que os advérbios apresentam, em relação a aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos, comportamentos muito diferenciados que podem, por esse motivo, configurar grupos de palavras diferentes, devido às suas diversas representações.

Assim, a partir dos diversos posicionamentos aventados pelos gramáticos e linguistas que apresentamos, é possível afirmar que a inquietação não diminui diante da conceituação desta categoria. A definição que teoricamente melhor representaria esta classe de palavra como invariável, varia em diversos aspectos. Aliás, as definições apresentadas adotam aquela que seria a definição que agrega os aspectos que envolvem o advérbio numa dimensão morfossintática e semântica, esquecendo-se de observá-lo numa dimensão pragmática e discursiva.

Numa outra direção, podemos também acrescentar que esta classe de palavras varia no que diz respeito à possibilidade de se relacionar não apenas com o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, mas com outras classes de palavras ou também com toda a cláusula. Ademais, a consideração acerca da possibilidade do advérbio representar uma marca discursivo-pragmática do enunciador em face do que enuncia não é referida pelos compêndios analisados, desconsiderando, então, a possibilidade do advérbio funcionar também como elemento modalizador do discurso.

Em face do que expusemos, fica-nos, ainda, a interrogação se realmente existe essa classe dos advérbios, já que, de fato, há uma mistura de funções pelo fato de seus comportamentos serem tão diversificados. Assim, após toda esta incursão é necessário considerar que não tivemos o objetivo de estabelecer que o que propõem os gramáticos citados não deve ser considerado, pois é necessário estabelecer que, de algum modo, os seus trabalhos têm o interesse de investigar/analisar o advérbio não em uma abordagem linguística, ou mais

que isto, numa abordagem que focalizasse o advérbio em seu uso efetivo, envolvendo, assim, aspectos discursivo-pragmáticos. São, pois, gramáticas que analisam a palavra e, portanto, não têm o interesse numa observação que tencionasse investigá-lo através de aspectos que envolvessem os propósitos dos interlocutores no processo comunicativo nem tampouco, fazer emergir os efeitos de sentido que se materializam no enunciado.

Em linhas gerais, após a incursão que fizemos sobre o estatuto categorial do advérbio, observamos alguns pontos de divergências entre os teóricos analisados que, assim, parece formar um hiato acerca da definição desta categoria e de como este elemento se representa nos enunciados.

Nesse sentido, é necessário estabelecer que, de alguma forma, esta incursão adverbial permitiu observar as muitas representações do advérbio que não se esgotam no que foi apresentado e, sendo assim, no tópico seguinte, lançamos mão de discussão sobre os advérbios modalizadores em –mente (objeto de nossa pesquisa) através de estudos já desenvolvidos, quais sejam: Castilho e Castilho (1993); Castilho (2012) Bagno (2011); Martelotta (2012) etc.

1.2- Os Advérbios Modalizadores com sufixo -mente

Começamos a discussão deste tópico a partir de uma premissa no mínimo questionável cuja consideração está associada à tradição gramatical que classifica os advérbios com terminação em –mente como advérbios de modo. Todavia, esta consideração não é seguida por alguns teóricos, por exemplo, Castilho (2012,p.546) que investiga os advérbios sob novas perspectivas, sobretudo as que envolvem o uso da língua a partir de situações discursivo-pragmáticas. Assim, analisemos o que assevera este autor:

[...] não podemos acolher essa denominação dada a sua amplitude significacional. Vários linguistas destacaram a inadequação dessa etiqueta. Modo é um termo que remete habitualmente às circunstâncias e às modalidades, caso em que os advérbios de modo compreenderiam os modalizadores, remetendo também às qualidades específicas de um processo, caso em que eles compreenderiam os predicativos qualificadores.

Diante do que discute o teórico anterior, consideramos que seja necessário fazer uma diferenciação acerca dos verbos com terminação em –mente como sendo advérbios de modo ou

advérbios modalizadores. Não analisaremos outras classificações de advérbios com terminação deste sufixo, pois entendemos que se torna mais difícil, ainda que aparentemente, discernir entre modo e modalizador e, sendo assim, os advérbios aspectualizadores que envolvem tempo e os intensificadores, ainda que possam terminar com sufixo –mente, não serão levados em consideração neste momento por serem facilmente identificáveis.

Em Bagno (2011, p. 841) encontramos uma citação pertinente para esta discussão entre advérbio de modo e advérbio modalizador. Sendo assim, o teórico propõe que se faça um teste bem simples para comprovar a inadequação da nomenclatura advérbio de modo em algumas situações. Assim, observemos o exemplo oferecido pelo teórico:

(31) **Felizmente** parou de chover.

O teste proposto pelo autor é que se observe que quando alguém enuncia o que está em (31) não é possível que se possa parafrasear por:

(32) **De modo feliz**, parou de chover.

Acrescenta o autor que esta paráfrase não representa, de fato, o que está marcado discursivamente em (31) e, sendo assim, o autor ainda acrescenta que “na pedagogia tradicional de língua já se fixou a concepção (equivocada) de que todo advérbio em –mente pode ser a tradução de algum sintagma iniciado por (de modo x), (de maneira x) etc”.

Sabendo que (31) apresenta a avaliação do emissor em face do que enuncia, marcado pelo advérbio **felizmente**, podemos considerá-lo como elemento modalizador do enunciado. Logo, a abordagem tradicional sustenta-se pelo viés morfossintático, excluindo, então, uma análise discursivo-pragmática que, por seu turno, se associa aos advérbios modalizadores. Assim, como afirma Bagno (2011, p. 841) “usamos essas palavras, em nossas interações verbais, para organizar o discurso e fazer descrições genéricas dos estados de coisas (normalmente, geralmente, realmente, principalmente)”. Feitas estas sumárias considerações, passemos, então, a distinguir os sintagmas que terminam com sufixo –mente como advérbio de modo ou como advérbio modalizador.

A abordagem tradicional atribui aos advérbios o potencial semântico de modificação, propiciando, assim, determinadas circunstâncias. Contudo, nesta pesquisa seguimos o que assevera Castilho (2012, p. 551) quando assinala o potencial funcional desta categoria e, sendo assim, a semântica dos advérbios representa-se a partir de três processos: predicação, verificação e dêixis. Destarte, interessa para nossa pesquisa os advérbios com processo semântico de predicação, pois estão envolvidos neste processo os modalizadores, os advérbios de modo, entre outros. Assim, por esta razão, nossa discussão, neste instante, se efetiva a partir deste processo semântico.

No escopo dos advérbios predadores estão representados os modalizadores, os aspectualizadores, os quantificadores e os qualificadores. Este último corresponde ao advérbio de modo como pode ser visto pelo exemplo que se segue.

(33) Ele anda **lentamente**.

Acerca de (33) podemos estabelecer que há a presença de um advérbio constituinte, pois relaciona-se principalmente com o verbo da oração. Nesse sentido, é possível parafrasear este exemplo sem que se altere o sentido original. Vejamos:

(34) Ele anda de **modo lento**.

Estabelecido o sentido conforme o que se apresenta em (33), podemos dizer que o advérbio **lentamente** seja um advérbio de modo e, diferentemente do advérbio modalizador que incide sobre a sentença, sua ocorrência recai sobre um elemento constituinte da oração.

Castilho (2012,p.552) estabelece a existência de três estatutos de predicação: a predicação de primeira, de segunda e de terceira ordem. Esta última referindo-se a uma predicação mais alta, pois enquanto naquelas a classe predicada é um constituinte, nesta é uma sentença. Assim, inserem-se na predicação de terceira ordem, dentre outros exemplos, os advérbios com terminação em – mente que sinalizam um efeito modalizador.

Após esta consideração, é importante observar a ordenação dos advérbios de terceira predicação nos enunciados. Sendo assim, é imprescindível destacar o que postula Bagno (2011, p.840) quando institui que “[...] enquanto os advérbios de constituinte gravitam em torno do seu

escopo(antes ou depois dele), os advérbios de sentença têm uma possibilidade muito mais ampla de movimento dentro da sintaxe”. Assim, a ordenação do advérbio com terminação em – mente pode flutuar dentro da oração sem que se altere o sentido. Vejamos, então, os exemplos sugeridos por Bagno (2011,p.841):

(35a) **Provavelmente** essa pessoa será um cliente futuro.

(35b) Essa pessoa **provavelmente** será um cliente futuro.

(35c) Essa pessoa será **provavelmente** um cliente futuro.

(35d) essa pessoa será um cliente futuro **provavelmente**.

Diante dos exemplos acima é possível ratificar o que o autor assinala e, assim, observar como pode ser sintaticamente representado o advérbio em se tratando de sua ordenação na cláusula, ou seja, de sua colocação no enunciado. Todavia, acreditamos que há uma tendência de utilizarmos estes advérbios modalizadores numa posição pré-verbal, sobretudo como se representa em (35a).

Outra representação dos predicaadores à qual fazemos referência é a dos modalizadores que, através de uma pesquisa nos materiais do projeto NURC¹, foi considerado o predicaador mais frequente e, além disso, estabeleceu que a utilização adverbial predicaadora seja mais frequente que a não-predicaadora que envolve os focalizadores, circunstanciais e conjuntivos.

Sendo assim, procuramos observar se esta ocorrência se verifica nos *corpora* D&G e, além disso, vislumbramos possíveis finalidades do enunciador em face do conteúdo proposicional que enuncia que se representa não apenas no oral, mas também na escrita, haja vista que os *corpora* que analisamos apresentam textos de diferentes especificidades na modalidade escrita e na transcrição do oral.

Sabendo, portanto, que há uma consideração, no mínimo, arbitrária conforme a tradição em relação ao que se convencionou chamar de advérbio de modo faz-se necessário observar o que alude Jackendoff (1972, p. 47) quando propõe três classes de advérbios a partir de uma

¹ Projeto da norma urbana oral culta do Rio de Janeiro.

abordagem semântica. Assim, para o autor, existem “[...] os advérbios de modo, que modificam a significação do verbo e funcionam como predicadores de um predicador; os advérbios orientados para o sujeito, que funcionam como predicadores de dois argumentos; e os advérbios orientados para o falante”.

Esta consideração de Jackendoff é analisada por Bellert (1977, p. 337-350) que chega à conclusão de que os advérbios orientados para o falante, ou seja, os modalizadores, têm de ser desdobrados em quatro classes, quais sejam: “[...] os advérbios de avaliação (felizmente, surpreendentemente); os modais (provavelmente, possivelmente, certamente); os de domínio (logicamente, matematicamente) e os pragmáticos (francamente, sinceramente)” (BELLERT, 1977, p. 242).

As considerações de Jackendoff (1972) e Bellert (1977) são importantes para que possamos observar como o falante organiza em seu dizer as suas finalidades discursivas que podem efetivarem-se através dos advérbios modalizadores que assinalam uma atitude de adesão do falante ao que ele enuncia e, sendo assim, conforme Martelotta (2012,p.57-58) “expressam algum tipo de intervenção do falante que qualifica o conteúdo de seu enunciado, por meio da definição de sua validade ou das nuances emocionais e pragmáticas a ele associadas”. Todavia, utilizamos como referência em nossa pesquisa o que assinalam Castilho e Castilho (1993) quando estabelecem a ocorrência dos modalizadores epistêmicos, deônticos e afetivos que, com alguma alteração, é também considerada por Neves (2000;2006) e outros teóricos.

Sendo assim, Neves (2000, p. 237,238) apresenta, por esta concepção modalizadora, uma subdivisão de natureza semântica que detalhamos mais precisamente no próximo capítulo. Destarte, pelo pensamento da autora, os advérbios modalizadores dividem-se em:

a-) *Epistêmicos* -aqueles que asseveram, indicam um valor de verdade, avaliam (evidentemente, efetivamente, obviamente etc); b-) *Delimitadores*- Delimitam o âmbito do enunciado ou fixam condições de verdade (basicamente, praticamente, rigorosamente etc); c-) *Deônticos*- Devido a uma obrigação, revelam que o enunciado deve ocorrer (obrigatoriamente, necessariamente etc); Afetivos -demonstram situações afetivas (felizmente, espantosamente etc).

Assim, é importante ratificar que temos o interesse, com esse trabalho, apresentar o advérbio modalizador em –mente com vistas à representação funcional que se efetiva por meio da

gradiência e nuances de representação, uma vez que esta categoria é bastante multiforme e heterogênea. Sendo assim, passemos a analisar, no capítulo seguinte, o fenômeno da modalização e suas especificidades para que se tenha a ideia do quanto o falante marca o seu discurso através de suas diversos contextos, fatores pragmáticos etc.

Entretanto, antes da discussão do fenômeno da modalização, introduzimos a discussão em referência à ciência linguística sob o viés funcionalista. Assim, no capítulo que segue, apresentamos, primeiramente, a noção de língua enquanto função, logo, numa representação que observa a língua em seu uso e, em seguida, destacamos o fenômeno da prototipicidade que, de alguma forma, está representado na análise dos dados desta pesquisa através da frequência dos advérbios modalizadores nos *corpora* analisados. Após isto é que apresentamos o que estabelece o fenômeno da modalização.

Capítulo 2

A língua em seu uso: uma abordagem funcionalista

Como priorizamos, nesta pesquisa, uma abordagem que observa o advérbio através de aspectos discursivo-pragmáticos e, de alguma forma, se insere numa perspectiva menos formal, logo mais funcional, discutimos, nesse momento, alguns apontamentos acerca do termo função, como maneira de tornar clara a sua representação. Assim, considerando que a língua, enquanto interação, não pode ser entendida como um objeto autônomo, julgamos pertinente estabelecer o que assevera Martinet (1994, p.14) quando procura definir função, pois, para ele, é:

1-) O valor de papel, ou de utilidade de um objeto ou de um comportamento....2-)o valor de papel de uma palavra em uma oração, acrescentado ao sentido que a palavra tem num determinado contexto...3-) o valor matemático de grandeza dependente de uma ou de diversas variáveis.

Acerca da definição proposta pelo autor supracitado, fundador da Sociedade Internacional de Linguística Funcional – SILF, há que se ressaltar que, em se tratando de língua, as definições propostas só têm relevância “..em referência ao papel que a língua desempenha para os homens, na comunicação de sua experiência uns aos outros” (MARTINET,1994, p. 12).

Na certeza da não autonomia da língua, é possível seguir o que propõe Dillinger *apud* Neves(1997, p. 6), quando afirma que função pode designar relações entre “a-) uma forma e outra (função interna); b-) uma forma e seu significado; c-) o sistema de formas e seu contexto (função externa)”. Nesse sentido, podemos entender que o funcionalismo não identifica de forma clara quais funções ou relações serão objeto de estudo, o que explica, a nosso ver, as distintas manifestações de investigação linguística desta corrente que, por mais que divirjam em alguns aspectos, têm um ponto em comum: a análise de como a comunicação se efetiva.

Ampliando a discussão acerca do termo função, não é demais recorrer ao que alude Nichols (1984, p.102) quando distingue cinco sentidos do termo diretamente ligados a cinco diferentes componentes da gramática, a saber :“ função/interdependência, função/propósito, função/contexto, função/relação e função/significado”. Todavia, a teórica assevera que os estudos

funcionalistas recorrentemente têm dado ênfase ao termo função apenas nos sentidos de propósito e de contexto e, ainda assim, não os distingue de forma precisa. Dessa forma, os estudos funcionalistas, veementemente, utilizam a noção de propósito e contexto, sendo o primeiro a intenção do usuário da língua no momento da comunicação e o segundo, por seu turno, faz referência à situação, ou seja, à adequação linguística do usuário a partir de determinadas situações que envolvam elementos pragmáticos.

Podemos, neste instante, fazer um adendo e afirmar que estas duas noções do uso da língua enquanto função-propósito e função-contexto são analisadas nesta pesquisa, pois procuramos investigar os usos dos advérbios modalizadores em -mente e, por este motivo, enfatizamos que a pesquisa tem por característica uma investigação discursivo-pragmática destes modalizadores que marcam o enunciado.

Além do já exposto, não é demais fazer referência ao Círculo Linguístico de Praga, doravante CLP, uma vez que este teve um papel relevante na disseminação dos postulados funcionalistas, pois o seu legado é importante aos estudos linguísticos atuais, uma vez que institui a afirmação de que o uso da linguagem atende a um princípio teleológico no processo de comunicação e, sendo assim, apresenta a postulação de que toda comunicação se efetiva através de funções. Dessa forma, há que se ressaltar que o CLP estabelece que a linguagem se representa através de outras funções além da referencial, até então única função da linguagem considerada pelo Estruturalismo.

Nesse sentido, outras funções são consideradas, uma vez que “[...] levam em conta os participantes da interação, como a emotiva, a conativa e a fática, e outros fatores da comunicação, como a mensagem (função poética) e o próprio código (função metalinguística)” (PEZATTI, 2011 p. 166-167). Contudo, no limiar da discussão acerca das funções da linguagem, há a afirmação de que a proposição do CLP é problemática, uma vez que :

[...] o termo função, em referência à linguagem , tanto pode referir-se ao propósito do uso (isto é, à intenção do usuário), como ao papel, ou efeito , do uso, e, além disso, há que se distinguir entre funções imediatas, que têm baixo nível de abstração, e funções mediatas, com nível da abstração bastante elevado” (GARVIM & MATHIOT apud NEVES, 1997, P. 9).

Esta consideração nos permite vislumbrar perspectiva comum na observação dos usos de um determinado elemento linguístico na corrente funcional: a escalaridade. Normalmente, a investigação sob o olhar de um linguista funcional não observa o objeto analisado, admitindo um resultado absoluto. De fato, pode-se afirmar que os traços, sentidos, relações, enfim, as características, trazem à tona um resultado relativo que indica uma espécie de movimento *continuum* em que graus, para mais ou para menos são considerados, ainda que se perceba que exista determinado item protótipo daquela categoria ou elemento observado numa abordagem funcional.

Diante das considerações arroladas neste tópico, em referência à interpretação do termo função e sua manifestação na representação linguística, ficamos convictos de que entender os fatores que envolvem a comunicação numa dimensão discursivo-pragmática é importante, vez que, analisando os usos adverbiais modalizadores, é possível analisar determinados efeitos de sentido que são acionados a partir destes. Assim, ampliando essa discussão, passamos a tratar, no tópico a seguir, o fenômeno da prototipicidade como um dos instrumentos de análise da linguística funcional e que, de alguma forma, está representado em nossa análise da frequência em que ocorrem os usos adverbiais modalizadores em –mente nos *corpora* perscrutados.

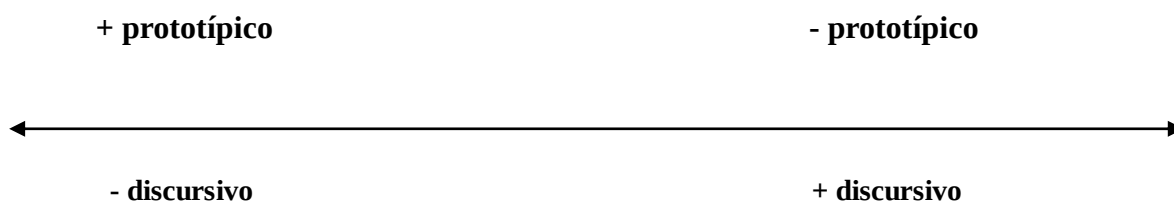
2.1 – A Prototipicidade aplicada ao advérbio

Servirá na execução da análise dessa pesquisa, sobretudo na quantificação das ocorrências dos advérbios, a teoria dos protótipos que, assim como a iconicidade, se estabelece a partir da relação entre cognição e gramática, a partir da concepção “...da existência de vaguidade nos limites entre categorias”(NEVES, 2006,p.23), ou seja, o protótipo determina a classificação dos demais membros de determinada categoria, conforme o grau de similaridade que tem com ele, “...configurando-se àquilo que se conhece como semelhança de família” (MOESCHLER *apud* Neves 2006, p.22) ou “ ar de família” (KLEIBER *apud* NEVES 2006,p.22).

Para melhor esclarecer estes dois termos apresentados por Moeschler e Kleiber, é importante que vejamos o que esclarece Neves (2006,p.22) quando sinaliza que:

Referem-se esses dois termos a um conjunto de similaridades entre as ocorrências de uma mesma família, não sendo necessário que as propriedades comuns sejam partilhadas por todas as ocorrências, bastando que se manifestem, pelo menos, em mais de uma. Estabelece-se que há um conjunto de referentes ligados entre si por propriedades associativas que justificam a existência de uma classe comum. A categoria decorre, pois das relações associativas entre os diversos referentes, não sendo necessariamente postulada uma entidade central que a represente.

A partir desta consideração, podemos afirmar, na análise deste trabalho, qual(is) é(são) o(s) prototípicos(s) advérbio(s) modalizadores através de uma observação que nos permita traçar aquele que mais agrega traços/nuances que se coadunam à classificação da categoria. Assim sendo, julgamos importante destacar o que estabelece Matos (informação verbal) acerca da noção prototípica de determinada categoria quando apresenta o seguinte esquema:



Este esquema nos permite afirmar que determinada categoria gramatical quando agrega, em sua representação, mais traços de sua classificação, vai ao encontro do fenômeno da gramaticalização, pois apresenta indícios de similaridades próprios da categoria. Do contrário, sendo menos prototípico, reunindo menos indícios de traços da categoria, o seu uso está ligado à discursivização.

Vale acrescentar que, neste sentido, não se consideram gramaticalização e discursivização, enquanto extremos e distintos. Ganhar traços de uma classe por mudança gramatical ou perder traços da antiga categoria ou, ainda, manter propriedades antigas representa fenômenos como recategorização, decategorização e persistência, respectivamente, sinalizando que, de alguma maneira, a discursivização pode ser compreendida como uma etapa mais avançada de gramaticalização, conforme apontam os estudos hodiernos na área do funcionalismo.

Intensificando a noção da teoria dos protótipos, julgamos importante afirmar que o processo de categorizar classes está alicerçado a partir da visão aristotélica “...para quem as classes gramaticais são discretas e possuem propriedades inerentes, tal como se encontra na tradição gramatical” (SILVA, 2005). No entanto, contrapondo-se a esta afirmação e convergindo com o que concerne à teoria dos protótipos, “...o estudo da categorização natural de Wittgenstein, que reivindica limites imprecisos para as classes, cujos elementos se integram em diferentes graus” (SILVA, 2005, p.87), nos permite entender que “o protótipo é a entidade central em torno da qual se organiza a categoria, situando-se no centro aqueles exemplares que tem maior semelhança com o protótipo, e na periferia os que tem menor semelhança” (NEVES, 2006, p. 22).

Não é demais lembrar que a noção de prototipicidade tem sua raiz na psicologia cognitivista, precisamente a partir do estudo da categorização das cores e, sendo assim:

[...]passou-se a aceitar a ideia de que os atributos são ordenados, no interior de uma categoria, revelando diferenças de graus que são reflexos de focos cognitivos. Quanto mais um membro se afasta do núcleo simbolizado pelo atributo mais prototípico, maior a possibilidade de pertencer a outras categorias. (DUQUE *apud* SILVA, 2005).

Numa acepção linguística, a prototipicidade faz referência à heterogeneidade na estruturação das categorias, pois se desenvolve a concepção de que as categorias podem ser retratadas como organizações pautadas em estruturas prototípicas, reveladoras de bons e de maus exemplos para cada classe. O melhor exemplo se impõe como melhor representante de uma determinada categoria e, sendo assim, sem perder de vista o foco de nossa pesquisa, observamos qual o prototípico advérbio representado nos *corpora* estudados.

Nesta altura, é importante acrescentar que a abordagem dos protótipos de determinada categoria é representada ou pela reunião de traços/nuanças da categoria analisada ou pela frequência em que determinado elemento linguístico ocorre nos enunciados. Nesse sentido, enfatizamos que tomamos como referência a noção prototípica dos modalizadores em –mente a partir de sua ocorrência nos corpora investigados, sendo, portanto, observada a frequência deste tipo adverbial.

Após entendermos a importância da comunicação que se organiza através de determinadas funções para que a interação se efetive e, assim, observar que a modalização, de alguma forma, se representa através de uma abordagem de língua enquanto função, atendendo a propósitos em determinados contextos em que se efetiva a comunicação, passemos, agora, a observar o fenômeno da modalização que, de alguma forma, se representa pela língua em seu uso.

2.2- Modalização na linguagem: os efeitos de sentido representados no enunciado

O uso da língua permite que o enunciador, em seu discurso, possa imprimir determinados propósitos em face daquilo que diz/enuncia através das modalidades que, sobremaneira, influenciam no processo comunicativo, pois estabelecem o engajamento do enunciador no instante da comunicação. Assim, como assinala Koch (1987,p.74) “ na estruturação do discurso, a relação entre enunciados é frequentemente projetada a partir de certas relações de modalidade, donde se depreende a sua importância pragmática”. Nesse sentido, é importante estabelecer que, na enunciação, o usuário da língua deixa, de forma intencional, determinadas marcas discursivo-pragmáticas no enunciado.

Diante do exposto, é possível afirmar que pensar que elementos modalizadores aparecem nos textos materializados no discurso sem que o falante tenha o controle do que enuncia é seguir a concepção de linguagem enquanto expressão do pensamento para quem a língua é um objeto autônomo e fatores discursivos e pragmáticos são desconsiderados no evento comunicativo.

De encontro a esta ideia, faz-se necessário conceber a linguagem como processo de interação, pois, nesta concepção, o dinamismo da língua tem de ser analisado, vez que, conforme assevera Travaglia (2009,p. 23), “ o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (leitor/ouvinte)”. Diante disto, fica patente que o usuário revela, em seu discurso, determinadas atitudes perante o enunciado que produz e, sendo assim, é necessário considerar que a modalização se representa recorrentemente no processo comunicativo, pois a língua é maleável e flexível e, dessa forma, seu uso está representado também através da práxis, vez que é marcado pelos propósitos comunicativos do enunciador na

situação em que a enunciação se estabelece. Ademais, aspectos discursivos devem ser também levados em consideração, pois recuperar os efeitos de sentido materializados no enunciado é importante para que se consiga compreender as atitudes do emissor e o que este sujeito discursivo almeja no processo comunicativo, ou seja, compreender quais são seus propósitos, como esta comunicação é interpretada pelo seu interlocutor etc. Sendo assim, é pertinente observar, nesse momento, o que sinaliza Neves (2006, p.152) acerca da modalidade marcada por determinados elementos linguísticos. Para a autora:

Do ponto de vista comunicativo-pragmático, na verdade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, já que não se concebe que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos da verdade do fato expresso, bem como que deixe de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca.

Diante do exposto, estabelecemos que este capítulo será desenvolvido através da discussão em relação às formas de dizer que estão/são representadas pelas modalizações presentes nas interações comunicativas, vez que o falante age em função de seu interlocutor. Além disso, apresentamos a contribuição da lógica filosófica para o estudo da modalização nos estudos linguísticos, como também, os tipos de modalizadores que se representam nos enunciados das interações comunicativas. Para tanto, guiamo-nos pelos aportes teóricos de Nascimento e Silva (2012), Neves (2006) e Castilho e Castilho (1993).

Retomando o que estávamos discutindo em parágrafos anteriores, há que se considerar a importância de que a modalização “consiste em uma das estratégias semântico-discursivas que se materializam linguisticamente e se constitui em um ato de fala particular” (NASCIMENTO e SILVA, 2012 p. 108). Ou, ainda, pelos dizeres de Koch (1987, p. 75) as modalidades são:

[...] parte da atividade ilocucionária, já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz; constituem atos ilocucionários constitutivos da significação dos enunciados, sendo motivadas pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções do falante e, como os demais atos de linguagem, classificáveis e convencionizadas.

Diante do que sinaliza a autora supracitada, estabelecemos que a modalização seja, também, um fenômeno pragmático, pois, expressando a atitude do falante, introduz a sua importância e a do contexto nas interações verbais representadas através dos atos de linguagem realizados pelo falante.

No bojo desta discussão, urge ressaltar a difícil conceituação acerca da modalização, pois, conforme doravante observamos, há uma definição conflitante entre modalização e modalidade que tem, de alguma forma, agregado certas discussões à marca que o enunciador imprime em seu discurso e, sendo assim, alguns teóricos utilizam um termo pelo outro ou, ainda, seus estudos debruçam-se especificamente sobre um ou outro termo. Destaquem-se, desta observação, Lyons (1977); Cervoni (1989) e Koch (1987) quando investigam especificamente a modalidade marcada na linguagem e que, de alguma forma, tem seu nascedouro na lógica filosófica aristotélica pela investigação das expressões que se referem aos valores de verdade.

Por outro lado, há aqueles que entendem que modalização e modalidade são interdependentes, pois enquanto esta se relaciona especificamente com a lógica, aquela, ainda que não despreze o estudo filosófico do raciocínio, trata especificamente das línguas naturais. Para ilustrar o que afirmamos, destacamos, principalmente, os trabalhos de Castilho e Castilho (1993) e Neves (2006) quando discutem sobre o que aproxima e o que distancia a ideia dos termos modalização ou modalidade.

Como afirmamos que o termo modalidade se relaciona com a lógica, julgamos necessário discutir, agora, o que propõe esta abordagem filosófica que teve seu surgimento na antiguidade, sobretudo através dos postulados aristotélicos e, em seguida, observamos quais as suas implicações para o estudo das marcas do dizer analisadas pela linguística. Assim, esta corrente filosófica faz referência a conceitos lógicos como a possibilidade e necessidade. Dessa forma, é considerável seguir o que Ducrot (1993, p.112) estabelece quando afirma que “o nome modalidade foi dado inicialmente às expressões que remetem de modo mais, ou menos, aproximado à posição estabelecida pela lógica antiga entre os conceitos de “possível”, de “real”, e de “necessário”.

Nesse sentido, as expressões que se relacionam às idéias de possibilidade e necessidade foram as observadas pelo viés da lógica filosófica e, desta forma, os lógicos chegaram à

conclusão de que estas ideias fazem referência às noções de verdade e/ou falsidades das proposições, havendo, portanto, a possibilidade dos enunciados serem necessariamente ou possivelmente verdadeiros. Como dito anteriormente, esta consideração é da observação aristotélica e estes conceitos foram denominados de modalidades aléticas. Há que se ressaltar que os lógicos entendem que a noção de verdade deixa de ser encarada como absoluta, incontestável, para ser analisada como necessária ou possível. Nesse sentido, é importante observar o que assinala Lyons (1977, p. 328-tradução nossa) acerca da modalidade alética, pois para o autor:

O único tipo de modalidade reconhecida pela lógica tradicional de modo é aquela que tem a ver com as noções de necessidade e possibilidade na medida em que elas se relacionem com a verdade (e a falsidade) das proposições: modalidade alética ou alética.²

Assim, pelo que estabelece o autor anteriormente citado, observa-se que a lógica tradicional considera como modalidade as expressões que atestam necessidade ou possibilidade que estejam relacionadas, pois, com noções de verdade e falsidade das proposições.

Após a definição da modalidade alética, os lógicos definiram o conhecimento e a conduta como outros dois eixos de representação da modalidade. Assim, o conhecimento recebeu a denominação de modalidade epistêmica e a conduta, por seu turno, recebeu a denominação de modalidade deontica. Importante ressaltar que, na representação linguística, os enunciados podem se efetivar, além da modalização avaliativa, através de modalizadores epistêmicos e deonticos. Sendo assim, não há como negar a contribuição da lógica filosófica para a investigação da modalização sob o viés linguístico, visto que há algumas confluências teóricas entre a lógica e a linguística, salvaguardadas algumas especificidades, pois, conforme estabelece Givón (1984, p. 252):

[...] a investigação das modalidades na língua em uso, embora indissociável das bases lógicas que definem as proposições individuais, se redefine em função da

² The only kind of modality recognized in traditional modal logic is that which has to do with the notions of necessity and possibility in so far as they relate to the truth[and falsity] of propositions aletheutic, or alethic modality.

sua inserção pragmática, ou seja, da sua inserção no evento comunicativo, no qual a expressão linguística é apenas um elemento dentro das relações entre falante e ouvinte, suas intenções comunicativas e suas reconstruções de intenções.

Em face da consideração do autor supracitado, observa-se que do ponto de vista da lógica não havia a preocupação de uma análise que se preocupasse com as relações entre falante e ouvinte, ou seja, entre as intenções/reconstruções de intenções destes interlocutores. Logo, na concepção lógica, questões pragmáticas não eram envolvidas em suas investigações. Talvez seja este o ponto que distancia a modalidade sob o viés da lógica e da linguística, pois, esta última é carregada de fatores pragmáticos em sua representação, haja vista que, considerando a língua enquanto função, atendendo a determinadas intenções dos interlocutores no evento comunicativo, a modalidade é, sobretudo, representada por aspectos discursivos e pragmáticos.

Diante do exposto, é possível considerar que numa investigação da modalidade com ênfase na concepção linguística entra em jogo, parafraseando Givón (1984, p.252), as atitudes, as crenças e expectativas dos participantes da comunicação que substituem, pois, a noção de verdade ou falsidade das proposições como estabeleciam os lógicos.

Podemos estabelecer que esta discussão acerca da investigação lógica seja um preâmbulo para que se possa entender proeminentemente o estudo da modalização numa acepção linguística, uma vez que esta tem sido influenciada pela observação da lógica. Ressaltamos que neste tópico discutimos as concepções que nortearam a modalização neste percurso da lógica para a linguística. Assim, as tipologias modalizadoras serão vistas doravante e, dessa forma, nossa observação, não parte, por ora, das considerações tipológicas, mas das contribuições da lógica para a linguística e as suas relações.

Conhecido, ainda que sumariamente, o conceito base da modalidade lógica, passemos, então, a observar sua relação com a linguística. Assim, considerar o que propõe Neves (2006, p. 155) é pertinente para o momento, pois para a autora:

Essa inter-relação tem constituído um complicador em investigações que se pretendam essencialmente linguísticas, especialmente porque, evidentemente, as línguas naturais são alógicas. Exatamente por isso, são diferentes os objetivos da linguística e os da lógica modal no estudo das modalidades,

preocupando-se esta com a estrutura formal das modalidades em termos de valores de verdade, e independentemente do enunciador.

Pelo que alude Neves (*idem*) a investigação da modalidade não pode se distanciar por completo da acepção lógica por estar essencialmente ligada a esta ciência filosófica e, por mais que alguns linguistas tenham tentado fazer distinções entre lógica e linguística, de alguma forma, as definições que emergem contemplam principalmente a representação lógica. Assim, há que se considerar que os domínios entre lógica e linguística são indissociáveis.

Sabendo-se que numa acepção lógica as modalidades se relacionam necessariamente com os valores de verdade, Givón (1984, p. 252) considera esta premissa e acrescenta que a noção de verdade tem de ser analisada numa abordagem linguística a partir das seguintes situações: i-) verdade factual; ii-) verdade necessária; c-) verdade possível. Assim, para o autor, estas verdades estão relacionadas à noção epistêmica que implica, assim, modalidades que se circunscrevem no campo do conhecimento. Destarte, a verdade factual associa-se ao conhecimento asseverado como real, ou seja, ao conhecimento que é comprovado como real. A verdade necessária associa-se ao conhecimento não-contestado, isto é, ao conhecimento que não se pode contradizer, refutar. Já a verdade possível está associada ao conhecimento asseverado irreal.

Diante do que estabelece Givón (1984,p.252) a idéia de que lógica e linguística têm de ser estudadas separadamente não deve ser tomada como referência para uma análise efetiva das representações de modalização, pois, ainda que seus objetivos sejam distintos, a linguística sustenta-se nas fundamentações epistemológicas das expressões humanas do conhecimento, ou seja, na lógica filosófica.

Após estabelecermos algumas considerações acerca da ocorrência da modalidade na filosofia lógica e, por conseguinte, indicarmos as relações desta ciência do conhecimento com a linguística, entendendo suas peculiaridades, passemos, então, a analisar os termos modalidade e modalização.

Certo de que a fronteira que separa os dois termos não seja tão pacífica, estabelecendo-se, então, uma definição conflitante entre os dois termos, Castilho e Castilho (1993, p. 217) sinalizam que “ há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que

ele vai veicular”. Assim, para que possamos tornar mais evidente as especificidades entre estes dois termos, seguimos o que asseveram estes autores (1993,p. 217) quando assinalam que na modalidade “ o falante apresenta o conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) e jussiva (imperativa ou optativa)” e a modalização, por seu turno, tem sido usada quando “ o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional”.

Diante da citação anterior, temos a impressão de que na modalização o falante assume uma relação mais proativa com aquilo que enuncia, ou seja, o enunciado se inscreve numa situação proposicional representada pelo engajamento do falante cujo recurso encontra-se marcado por algum elemento linguístico. Dessa forma, conforme estabelece Dubois (2001, p.414) a modalização efetiva-se “ como a marca dada pelo sujeito a seu enunciado” ,ou ainda, conforme Martelotta (2012,p.57) “os modalizadores expressam algum tipo de intervenção do falante que qualifica o conteúdo de seu enunciado por meio de sua validade ou das nuances emocionais e pragmáticas”.

Sabendo-se que no discurso as modalidades estão representadas e, desta forma, a pragmática tem uma importância fundamental, pois envolve os participantes da enunciação, seus interesses e o contexto em que a comunicação se efetiva, convém informar que a investigação acerca da modalização nos enunciados não é pacífica e de fácil definição, pois a possibilidade da existência ou não de enunciados modalizados é bastante discutida e controversa. Nesse sentido, conforme Neves (2006,p.151):

[...] duas questões básicas de investigação podem ser lembradas: a primeira refere-se à própria avaliação da existência ou não de modalidade em enunciados sem marca de modalização explícita e detectável pelo menos como um segmento, ou um elemento, do enunciado-, e a segunda diz respeito ao difícil estabelecimento de fronteiras entre a lógica e a linguística, quando o assunto é modalidade.

Neves (2006, p. 152) lança mão de uma discussão pertinente para este momento. Para a autora, a questão inicial dos estudos da modalidade diz respeito à possibilidade, ou não, da

existência de enunciados não-modalizados. Sendo assim, entendendo a modalidade como um conjunto de relações que se estabelece entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, torna-se mister propor a não existência de enunciados não modalizados, pois, no evento comunicativo, em maior ou menor grau, se faz presente esta relação triádica: locutor/emissor, enunciado e realidade objetiva representada pelo valor de verdade atestada pelo usuário da língua.

Em face do que afirmamos, fica a impressão de que analisar a modalidade nos enunciados é tarefa difícil, haja vista que observar como as marcas de atitude são deixadas no discurso de outrem não é de fácil investigação, uma vez que “..esse conceito envolve não apenas o significado das expressões modalizadas, mas, ainda, a delimitação das noções inscritas no domínio conceptual implicado” (NEVES, 2006, p.151).

Nesse sentido, não basta apenas reconhecer a existência da modalização nos enunciados, mas, sobretudo, observar quais as nuances discursivo-pragmáticas que se representam a partir do item modalizador presente no enunciado e observar, ainda que dedutivamente, quais as possíveis intenções do enunciador que se representam através de determinadas tipologias modalizadoras que apresentamos doravante neste capítulo.

Numa análise diferente da proposta da autora anteriormente citada, tomando a defesa de que o conceito de modalidade tem de ser encarado como opositivo, ou seja, através da polaridade, Ducrot (1993, p.111) estabelece que se há a existência de enunciado modal, há, também, a existência de não-modal. Para esta consideração, o autor recorre ao que está representado na oposição tradicional do pensamento ocidental e, para tanto, considera a ideia de objetivo e subjetivo como elementos de investigação para atestar a presença ou não da modalidade. Nesse sentido, é pertinente observar o que estabelece Neves (2006, p. 153) sobre esta consideração da existência de enunciado modal e não-modal. Assim, para a autora:

[...] nesse modo de ver de Ducrot, o aspecto não-modal dos enunciados viria da descrição das coisas, das informações a propósito delas, da informação objetiva, e os aspectos modais seriam os relativos às tomadas de posição, às atitudes morais, intelectuais e afetivas expressas ao longo do discurso.

De outra forma, outros autores consideram importante a distribuição de modalidade não em dois aspectos, como propõe Ducrot (1993, p. 115), por exemplo, mas em três. Nesta linha, citamos Kiefer (1987, p. 77) quando estabelece três noções de modalidade, quais sejam:

i-) expressão de possibilidade e de necessidade (alética/epistêmica/deôntica);

ii-) expressão de atitudes proposicionais (com verbos que expressam estado cognitivo, emocional ou volitivo + oração completiva);

iii-) Expressão de atitudes do falante (qualificação cognitiva, emotiva ou volitiva que o falante faz de um estado de coisas).

Para esclarecer as noções acima, seguem os exemplos oferecidos por Neves (2006, p.159) que se relacionam respectivamente às noções de modalidade propostas por Kiefer.

(36) Você **tem que** ter um critério muito grande quando coloca um filme lá. (i- alética);

(37) O governo não **deve** sentir avareza nem apego pela riqueza e muito menos pela propriedade, **deve** doá-las para o bem-estar público. (i-epistêmico)/ (i-deôntico de possibilidade);

(38) Não **sabe** como começar sua história, por que vai mentir? (ii);

(39) A justiça **realmente** deve uma resposta ao país.(iii);

(40) A kosmos é uma das empresas credenciadas pelo BNH e, **provavelmente**, é a que mais se identifica com o espírito do programa habitacional. (iii)

Pelos exemplos acima, é possível afirmar que um item modalizador pode representar, em enunciados diversos, funções discursivo-pragmáticas diferentes, ou seja, torna-se difícil classificar determinado item modalizador como elemento categorizador de determinada tipologia modalizadora. Esta nossa consideração ganha ênfase a partir da observação do modalizador **deve** que está presente em duas situações em (37). Na primeira ocorrência, percebemos que este item modalizador refere-se ao conhecimento do enunciador acerca do conteúdo proposicional. Todavia, na segunda ocorrência, é possível percebê-lo como elemento linguístico que estabelece uma representação deôntica de possibilidade, pois conforme Nascimento e Silva (2012, p.130) seguindo o pensamento de Neves (2006, p. 159), este tipo de

modalizador se efetiva quando o enunciador “expressa que o conteúdo da proposição é algo facultativo e/ou quando o interlocutor tem a permissão para exercê-lo ou adotá-lo”.

Não poderíamos deixar de observar as ocorrências dos modalizadores que se representam através dos advérbios terminados em sufixo- mente, objeto de nossa pesquisa, pois, nos exemplos (39) e (40) é possível perceber atitudes emocionais do enunciador em face do conteúdo proposicional e, dessa forma, são exemplos de modalizadores afetivos, utilizando os dizeres de Castilho e Castilho(1993).

A respeito das noções de modalidade de Kiefer, Neves (2006, p. 159) considera que i e ii se referem à tradicional dicotomia *modus/dictum*, uma vez que estão ligadas não a atos de fala, mas às proposições, revelando, assim, as atitudes referentes ao sujeito da oração principal. Contudo, a última noção se coaduna à modalidade numa ampla dimensão, sendo, pois, externa ao *dictum*, ou seja, constituem atos de fala. Pelos exemplos desta noção e pela consideração aventada pela autora, entendemos que os advérbios modalizadores com terminação em –mente podem ser considerados como marcadores potenciais de modalização. Assim, é possível concebê-los como modalizadores *stricto sensu*, vez que representam a vontade, os desejos, a intenção propriamente dita do enunciador.

A distribuição das noções de modalidade em três aspectos também é observada nos estudos de Le Queler (1966). Nesta autora, encontramos a distribuição através das seguintes noções de modalidade: subjetiva, intersubjetiva e objetiva. Para Le Queler (idem, p. 63) a modalidade é “expressão da atitude do locutor em relação ao conteúdo proposicional de seu enunciado [...]”³. Esta consideração de Le Queler já foi referendada anteriormente por outros autores citados neste trabalho e, de alguma forma, representa uma consonância no que se refere à definição de modalidade nas interações comunicativas das línguas naturais.

Dito isto, torna-se importante assinalar que a autora propõe uma classificação de modalidade que se organiza através do sujeito enunciador. Assim, para tornar mais clara a distribuição da modalidade nas noções objetivas, intersubjetivas e subjetivas, é necessário observar o que assevera Le Queler (1966, p. 63-64- tradução nossa) quando assinala que:

³[...] l’expression de l’attitude du locuteur par rapport au contenu propositionnel de son énoncé”

[...] ou bem a modalidade é a expressão apenas da relação entre o sujeito enunciador e o conteúdo proposicional: é uma modalidade subjetiva; ou se trata de uma relação estabelecida entre o sujeito enunciador e um outro sujeito, a propósito do conteúdo proposicional: é uma modalidade intersubjetiva; ou ainda o sujeito enunciador subordina o conteúdo proposicional a uma outra proposição: trata-se de uma modalidade que não depende nem de seu julgamento, nem de sua apreciação, nem de sua vontade. É uma modalidade objetiva⁴.

Prende-nos a atenção a consideração sobre a noção intersubjetiva, pois entram em jogo, no enunciado, as possíveis ações que o interlocutor desempenha a partir da modalização representada no enunciado. Noutras palavras, podemos dizer que a noção intersubjetiva leva em consideração também o receptor (leitor/ouvinte) na interação comunicativa. Este tem um papel relevante na representação da modalidade, pois, conforme estabelece a autora, há uma relação entre o sujeito enunciador com o seu receptor.

Nascimento e Silva (2012,p.112), parafraseando Le Queler (idem) esclarecem que, nas modalidades intersubjetivas, o locutor marca sua relação com o outro a partir de ordens, conselhos, sugestões, entre outros de valor deôntico. Assim, a título de esclarecimento, apresentamos os exemplos oferecidos por Le Queler (1996):

- (41) *Je voudrais que* tu fermes La fenêtre. (*eu gostaria que* você fechasse a janela);
- (42) *Peux-tu* fermer La fenêtre? (você *pode* fechar a janela?);
- (43) *Pourrais-tu* fermer La fenêtre? (você *poderia* fechar a janela?);
- (44) *Ferme* La fenêtre. (*Feche* a janela);
- (45) Tu *devrais* fermer La fenêtre. (você *deveria* fechar a janela);
- (46) *Il faut que* tu fermes la fenêtre. (É *preciso que* você feche a janela).

⁴ - ou bien La modalité est l'expression seulement du rapport entre le sujet énonciateur et le contenu propositionnel: c'est une modalité subjective;

-ou bien il s'agit dum rapport établi entre Le sujet énonciateur et um autre sujet, à propôs du contenu propositionnel: c'est une modalité intersubjective;

-ou bien encore le sujet énonciateur subordonne le contenu propositionnel à une autre proposition: Il s'agit d'une modalité qui ne dépend ni de son jugement, ni de son appréciation, ni de as volonté. C'est une modalité objective.

Percebe-se, então, pelos exemplos acima, que as marcas de modalidade pressupõem uma ação a ser desempenhada pelo interlocutor, sendo, pois modalizadores de natureza deôntica, atuando, assim, como atos de linguagem ilocucionários. Ainda sobre estes exemplos, é permitido pensar que a modalização deôntica se estabelece em enunciados interrogativos e imperativos. Naqueles, de algum modo, há uma nuance imperativa que se estabelece a partir do uso destes elementos linguísticos modalizadores.

Esclarecidas as características da distribuição intersubjetiva, Le Queler (idem) estabelece que é necessário distinguir os valores epistêmicos e apreciativos que se encontram nos modalizadores representados pela distribuição subjetiva. Enquanto a distribuição intersubjetiva se estabelece a partir da representação deôntica de modalização, na distribuição subjetiva há a ocorrência epistêmica ou apreciativa. Esta, exprimindo a apreciação do locutor sobre o enunciado e aquela, exprimindo o grau de certeza sobre o que o enunciador acredita ser verdade.

Para ilustrar, usamos os seguintes exemplos de Le Queler (idem, p.65):

- (47) *Je doute que* Paulsoit em train de venir. (Eu duvido que Paul tenha acabado de chegar)
- (48) *J'apprécie que* lês choses soient si claires avec Paul. (Eu *aprecio que* as coisas sejam tão claras com Paul)

Os dois exemplos referem-se à noção subjetiva, uma vez que está em “jogo” a relação entre o sujeito enunciador e conteúdo proposicional. Em (47) está representado o valor epistêmico e em (48) está representado o valor apreciativo.

Em relação à modalidade objetiva, também denominada pela autora por modalidade implicativa, sua ocorrência se estabelece quando o sujeito enunciador assinala que *p* implica *q*, e nesse sentido, incluem-se algumas relações, quais sejam: de condição, de consequência, de finalidade e de oposição. Destarte, apresentamos os exemplos para que tenhamos a impressão de como esta distribuição objetiva emerge.

- (49) *Pour grandir*, Il faut manger. (*Para crescer*, é preciso comer)
- (50) Il est *si grand qu'il ne peut pas* passer sous le porche. (Ele é tão grande que não pode passar sob o pórtico)

Pelos exemplos (49) e (50), é permitido afirmar que a distribuição objetiva refere-se à modalidade que nem depende do julgamento, nem da apreciação, nem da vontade do sujeito enunciador, sendo, pois, a subordinação do conteúdo proposicional, por parte deste sujeito, a outra proposição. Logo, em (49) percebemos uma relação condicional e em (50) uma relação de consequência. Diante do que postula Le Queler, apresentamos o seguinte quadro que traduz o seu arcabouço teórico:

Tabela 1: A MODALIDADE CONFORME LE QUELER (1966)

Distribuição de modalidade	Valor/ Relação
Subjetiva	Valor epistêmico ou apreciativo
Intersubjetiva	Valor deôntico
objetiva	Relação de condição, de consequência ou oposição

Após as considerações acerca do que expusemos, urge apresentar os tipos de lexicalização das modalidades possíveis de serem realizadas nos enunciados e, para isto, transcrevemos uma lista proposta por Koch (1987, p. 87):

- a-) performativos explicativos: eu ordeno, eu proíbo, eu permito etc;
- b-)auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar etc;
- c-) predicados cristalizados: é certo, é preciso, é necessário, é provável etc;
- d-) advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, necessariamente, etc;
- e-) formas verbais perifrásticas: dever, poder, querer etc + infinitivo;
- f-) modos e tempos verbais: imperativo; certos empregos de subjuntivo; uso do pretérito perfeito com valor de probabilidade, hipótese; uso do imperfeito do indicativo com valor de irrealidade etc;
- g-) verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei, eu duvido, eu acho etc;
- h-) entonação. Ex: distinguir uma ordem de um pedido na linguagem oral;
- i-) operadores argumentativos: pouco, um pouco, quase, apenas etc.

A razão para que apresentássemos as possíveis representações da modalização nos enunciados serve para que observemos o quão é vasto este fenômeno discursivo que vai muito além da fronteira do enunciado. Outrossim, há que se ressaltar que a nossa observação efetiva-se, nesta pesquisa, apenas pelos advérbios modalizadores, sobretudo, aqueles com terminação em sufixo *-mente*, mas, de toda forma, é possível entender que a modalização é passível de ocorrência através de várias situações conforme assinala Koch (1987, p. 87).

Diante de nossa consideração acerca da escolha dos elementos linguísticos para a investigação deste trabalho, ou seja, os advérbios modalizadores, julgamos pertinente rememorar que adotaremos, na execução da análise desta pesquisa, a discussão de como estes modalizadores adverbiais representam-se nos *corpora* Discurso e Gramática (D&G).

Nesse sentido, adotaremos uma análise representada numa dimensão que se estabelece pelo levantamento de hipóteses e deduções. Para isto, seguimos o que indica Fiorin (2000, p. 171) quando afirma que “como o inventário das modalidades nas línguas naturais é bastante confuso, porque os sentidos se superpõem, é preciso utilizar um procedimento hipotético-dedutivo” e, sendo assim, é pertinente retomar o que afirmamos na introdução deste trabalho quando informamos que a análise dessa pesquisa será de cunho hipotético-dedutivo, pois não temos o objetivo de investigar quais as verdadeiras intenções dos sujeitos entrevistados, visto que esta situação seria, talvez, para um trabalho voltado à análise do discurso quando da observação da subjetividade, formação discursiva etc.

Todavia, o que pretendemos é estabelecer uma posição hipotético-dedutiva frente ao uso de advérbios modalizadores em *-mente*, ou seja, considerar outras possibilidades de observação de como este tipo adverbial atua no texto, sem, contudo, querer afirmar as intenções reais do usuário, mas as possibilidades materializadas em seu discurso, uma vez que, considerando o advérbio uma categoria fluida, é necessário estabelecer que ele seja suscetível de se adaptar às pressões do uso que se representam no discurso.

Diante das considerações aventadas acerca da modalidade e da modalização, seguimos o que estabelecem Castilho e Castilho (1993) quando preferem não distinguir modalidade de modalização, sendo assim, empregados sinonimamente e, de alguma forma, esta é a posição que adotamos neste trabalho.

Sabendo-se da difícil conceituação da modalidade, da existência ou não da modalidade em enunciados e de como o usuário ajusta em seu dizer este fenômeno, outra questão importante de ser aventada, neste momento, é a tipologia das modalizações, ou seja, a divisão dos tipos de modalização que se representam nos enunciados. Assim, vejamos os tipos de modalização que são acionados na comunicação.

2.3-Os tipos de Modalização

Apresentamos, neste tópico, os tipos de modalização que se representam nos enunciados através de determinados elementos linguísticos que estão, de alguma forma, categorizados a partir de algumas características que os determinam como pertencentes a esta/aquela categoria através de traços semânticos, pragmáticos e discursivos. A classificação tipológica que seguimos e que será o escopo para a nossa análise está representada principalmente nos trabalhos de Castilho e Castilho (1993) e de Nascimento e Silva (2012).

Para estes autores, os elementos linguísticos modalizadores estão agrupados em três tipos, apresentando, assim, distintas posições do falante diante do conteúdo proposicional. Dessa forma, os elementos linguísticos que marcam os usos do falante nas interações comunicativas representam-se por modalização epistêmica, modalização deôntica e modalização afetiva. Esta última denominada por Nascimento e Silva (2012) como modalização avaliativa, uma vez que apresenta o juízo de valor do enunciador em função do conteúdo proposicional.

A avaliação do locutor sobre o valor de verdade da proposição é a premissa para que a modalização epistêmica possa emergir nas interações de comunicação. A modalização deôntica é representada por modalizadores que sinalizam que o falante considera obrigatória a ocorrência do conteúdo proposicional. Todavia, conforme Cervoni (1989, p. 61), a modalização deôntica também pode considerar o conteúdo da proposição como algo permitido ou facultativo. O terceiro tipo de modalização representa-se pelas reações emotivas do falante enunciada em face do conteúdo proposicional.

Sendo assim, esta é a explicação para que seja denominada de modalização afetiva. Contudo, há que se ressaltar o que sinaliza Nascimento e Silva (2012, p. 129) quando estabelecem que a modalização afetiva tem de ser considerada como avaliativa, vez que:

[...] muito mais que revelar um sentimento ou emoção do locutor em função da proposição ou enunciado, esse tipo de modalização indica uma avaliação da proposição por parte do falante, emitindo um juízo de valor e indicando, ao mesmo tempo, como o falante quer que essa proposição seja lida.

Nesse sentido, a esta terceira classificação de modalização, preferimos seguir o que propõem Nascimento e Silva (2012) em utilizar a modalização avaliativa em vez da modalização afetiva. As tipologias das modalizações nas línguas naturais que se efetivam através de determinados elementos linguísticos resumem-se conforme descrição do quadro abaixo apresentado por Nascimento e Silva (2012, p.129):

Tabela 2: TIPOS DE MODALIZAÇÃO

Modalização	Imprime no enunciado
Epistêmica	Considerações sobre o valor de verdade do seu conteúdo do enunciado.
Deôntica	O conteúdo do enunciado deve ocorrer ou é possível (facultativo ou permitido) que ocorra.
Avaliativa	Uma avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo do enunciado, excetuando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deôntica.

Conhecidas, sumariamente, as classificações modalizadoras, enfatizamos que por cada uma apresentar singularidades discursivas próprias, dividem-se, com exceção da modalização avaliativa, em subtipologias. Assim, apresentamos as subtipologias modalizadoras passíveis de efetivação nas seguintes tipologias.

2.3.1- Modalização Epistêmica

Sabendo-se que a premissa que caracteriza a tipologia epistêmica é a ocorrência da avaliação do valor de verdade presente no enunciado através de determinado item linguístico, Castilho e Castilho (1993) fazem uma diferenciação a partir das possibilidades de ocorrência

desta tipologia e, assim, dividem-na em epistêmica asseverativa, epistêmica quase-asseverativa e epistêmica delimitadora. Para que possamos tornar clara esta distinção, observemos as características de cada subtipologia epistêmica.

A modalização epistêmica asseverativa se efetiva quando o falante conclui como verdadeiro o conteúdo proposicional. Conforme Castilho e Castilho (1993, p.218) “os asseverativos são selecionados quando o falante quer expressar uma alta adesão a esse conteúdo” e, sendo assim, representam-se por predicador assertivo. Assim, os autores consideram ocorrências afirmativas e negativas dos modalizadores asseverativos. Com o intuito de ilustrar as afirmações apresentadas sobre este ponto, criamos os seguintes exemplos:

- (51) Maria fez **verdadeiramente** a lista de compras.
- (52) Retardatários não serão aceitos **de jeito nenhum**.

Em (51), é possível perceber que o termo **verdadeiramente** estabelece um valor de conhecimento real acerca do conteúdo proposicional. Assim, o falante que produziu este enunciado tem o conhecimento de que Maria fez, de fato, a lista de compras. É, portanto, um modalizador epistêmico asseverativo afirmativo.

Em (52), observa-se que o enunciador tem o conhecimento de que por algum motivo já convencionalizado, não há a possibilidade de aceitação de retardatários. Assim, a locução adverbial **de jeito nenhum** se efetiva, pelo contexto enunciativo, como um modalizador epistêmico asseverativo negativo.

Outra possibilidade de ocorrência da modalização epistêmica se dá através dos quase-asseverativos que se efetivam em enunciados sempre que o falante considera o conteúdo proposicional quase certo ou como uma hipótese a ser ratificada e, desta forma, não se compromete com o valor de verdade da proposição, ou seja, não se responsabiliza pela noção de verdade do conteúdo proposicional instituído no enunciado. Assim, a verdade teria de ser confirmada, mas o enunciador não toma para si a responsabilidade de sua confirmação. Nesse sentido, através dos quase-asseverativos, avalia-se *p* como uma possibilidade epistêmica, decorrendo daqui uma baixa adesão do falante com respeito ao conteúdo que está sendo verbalizado. Assim, vejamos um exemplo desta possibilidade de modalização:

(53) **Provavelmente**, Maria fez a lista de compras.

Percebemos que em (53) o enunciador acredita ser verdade a possibilidade de Maria ter feito a lista de compras. Todavia, não há, por parte do enunciador, um comprometimento com a veracidade do que ele enuncia. É importante destacar que a não responsabilidade do enunciador com o que diz é entendida pela apresentação de uma possível verdade capaz de ser comprovada, mas não por este enunciador. O elemento **provavelmente** é que faz emergir a modalização epistêmica quase-asseverativa. Ressalte-se que esta categoria modalizadora é representada, mormente, pelos predicadores (eu acho/ eu suponho/ é provável que p).

Além dos asseverativos e quase-asseverativos, a modalização epistêmica pode ser representada pela subtipologia delimitadora e, sendo assim, os modalizadores desta natureza estabelecem os limites dos quais se deve considerar o conteúdo proposicional. Há, neste tipo de modalizador, uma negociação necessária à manutenção do diálogo entre os interlocutores. Assim sendo, conforme Castilho e Castilho (1993,p.233), “os delimitadores têm uma força ilocucionária maior que os asseverativos e os quase-asseverativos”. Entendemos, pelo que assinalam os autores, que a força ilocucionária neste tipo de modalização é maior em relação aos já citados pelo fato de envolver o interlocutor no processo comunicativo em função do conteúdo proposicional. Como exemplo, vejamos:

(54) O professor concluiu sua aula apresentando **teoricamente** o que lhe convém.

O advérbio **teoricamente**, que representa o modalizador epistêmico delimitador, estabelece os limites dentro dos quais se deve interpretar o conteúdo de *p*, ou seja, o conteúdo da proposição. Efetiva-se, então, uma espécie de negociação entre o falante e o interlocutor, vez que fica a impressão de que o enunciador tem o conhecimento daquilo que convém ao professor.

Após esta discussão acerca dos modalizadores epistêmicos que sinalizam uma noção de verdade do que o enunciador imprime no conteúdo proposicional seja esta noção afirmativa ou negativa (modalização epistêmica asseverativa), ou uma possibilidade de ser verdade o que o enunciador diz sem que tenha a obrigatoriedade de comprovação (modalização epistêmica quase-asseverativa), ou, ainda, que se estabeleça os limites de interpretação do conteúdo

proposicional representado pela negociação entre os interlocutores (modalização epistêmica delimitadora), passemos, então, a observar as subtipologias que se efetivam na modalização deôntica.

2.3.2- Modalização Deôntica

A representação da obrigatoriedade nos enunciados tem sido a premissa que faz emergir a modalização deôntica. Acrescente-se a esta consideração a ocorrência, em alguns casos, da permissão como uma indicação também deste tipo de modalização. Contudo, encontramos em Cervoni (1989, p.69) a afirmação de que esta modalização se representa através de quatro eixos, quais sejam: o obrigatório, o proibido, o permitido e o facultativo. Assim, apresentamos as características e definições das subtipologias desta categoria modalizadora.

A modalização deôntica de obrigatoriedade é a indicação clássica do que se traduz por deôntico, vez que este termo tem em sua significação uma alusão à obrigação a ser desempenhada pelo interlocutor. Assim, esta subtipologia apresenta a ocorrência da obrigatoriedade marcada por determinado elemento linguístico enunciado pelo emissor e, sendo assim, o seu interlocutor deve obedecer a esse conteúdo. Esta definição é possível de ser vista no exemplo a seguir

(55) A elaboração da prova é **obrigatoriamente** para professores efetivos desta escola.

Em (55), a noção de obrigatoriedade recai sobre os professores efetivos da escola, vez que, para eles, a elaboração da prova é obrigatória e, sendo assim, estes têm de elaborá-la. Podemos perceber, pelo exemplo acima, a força ilocucionária deste tipo de modalização, pois estabelece o desenvolvimento de determinada ação por parte do interlocutor diante do conteúdo proposicional.

A modalização deôntica de proibição representa-se quando o falante expressa que o conteúdo de *p* é algo proibido e, assim, deve ser considerado pelo interlocutor. Nesse sentido, há uma confluência entre o que estabelece o conteúdo de *p*, ou seja, a proibição de determinado fazer e a atitude do interlocutor em face desta proibição. Assim, é permitido entender que na modalização deôntica de proibição enunciator e interlocutor são importantes para que este modalização se efetive. Vejamos o exemplo abaixo:

(56) Você **não pode** pisar na grama.

Em (56), há uma proibição para o interlocutor. Observando o enunciado com atenção, percebemos a representação da obrigatoriedade representada de forma proibitiva, ou seja, como sendo obrigatório que você não pode pisar na grama. Contudo, é necessário perceber que este enunciado não estabelece uma obrigatoriedade pura, ou seja, que exclua outras possibilidades de observação e se estabeleça apenas a obrigatoriedade. Dessa forma, a ideia de ação proibitiva deve ser analisada e tomada como tal pelo interlocutor.

Apresentamos aqui a hipótese de que esse tipo de modalização não seja representado com recorrência significativa nas interações comunicativas através de advérbios com terminação em *-mente*. Assim, esta observação será ratificada ou não no momento da análise de nossa pesquisa.

A modalização deôntica de possibilidade, por seu turno, indica a ocorrência de elementos linguísticos no enunciado que expressem que o conteúdo da proposição é facultativo e/ou quando ao interlocutor é oferecida a permissão para exercê-lo ou adotá-lo. Esta é a premissa que representa a categorização dessa modalização. Assim, vejamos o exemplo abaixo para entendermos como ela se representa.

(57) Você **pode** viajar de carro.

Em (57), é possível observar que o enunciador não expressa ordem alguma, mas apresenta uma possibilidade a ser aceita ou não pelo seu interlocutor através do elemento linguístico **pode**. Assim, é possível estabelecer que o interlocutor não tem de seguir obrigatoriamente o que enuncia o emissor, mas aceita ou não esta possibilidade, entendendo que é possível que a viagem aconteça por outros meios, de ônibus, talvez.

Após observarmos as possíveis representações de modalizações deônticas no enunciado, passemos, então, a observar as peculiaridades das modalizações avaliativas.

2.3.3- Modalização Avaliativa

Conforme já assinalamos, utilizamos esta modalização em vez da afetiva justamente pelo fato de indicar uma avaliação da proposição por parte do falante e apresentar como ele deseja que essa proposição seja lida/interpretada. Assim, não entendemos que esta categoria de modalização apenas revele um sentimento ou emoção do enunciador em face do conteúdo proposicional. Acrescente-se que na modalização avaliativa tem de ser excetuadas qualquer avaliação de natureza deôntica ou epistêmica. Nesse sentido, na modalização avaliativa está caracterizada a presença do juízo de valor que o enunciador imprime no conteúdo proposicional através de determinado elemento linguístico. Sendo assim, Observemos o exemplo abaixo:

(58) **Lamentavelmente** Marcos não poderá viajar de carro.

Em (58), o enunciador emite uma avaliação e um juízo de valor em face do conteúdo da proposição. Nesse sentido, o advérbio **lamentavelmente** permite observar que o enunciado seja marcado por este juízo de valor que é expresso pelo enunciador. Assim, o advérbio utilizado é o elemento que revela o ponto de vista do enunciador em relação à proposição Marcos não poderá viajar de carro.

Destarte, excetuam-se qualquer avaliação de caráter epistêmico e deôntico. Outrossim, o advérbio modalizador presente no enunciado permite que o interlocutor possa entender de que forma o enunciador deseja que seu enunciado seja interpretado, ou seja, o interlocutor consegue entender qual o envolvimento do enunciador em face do conteúdo que produziu. Assim, em (58), a interpretação que o interlocutor pode extrair é a de que o enunciador gostaria que Marcos viajasse de carro e diante de algum impedimento que não possibilita o desenvolvimento dessa ação, lamenta, se compadece etc.

Há que se ressaltar que a modalização avaliativa não se efetiva a partir de subtipologias como ocorre nas modalizações epistêmicas e deônticas. Sua representação, no entanto, se configura sem que haja condicionantes que permitam categorizar, estratificar, dividir este tipo de modalizador.

Após a exposição e discussão dos tipos de modalização e das subtipologias que compõem determinadas categorias modalizadoras, apresentamos, abaixo, o quadro proposto por

Nascimento (2010, p. 05) que resume os tipos e subtipos de modalização, bem como o efeito de sentido que estes estabelecem no enunciado.

Tabela 3: TIPOS SUBTIPOS DE MODALIZAÇÃO

Tipo de Modalização	Subtipos	Efeito de sentido no enunciado ou enunciação
Epistêmica- expressa avaliação sobre o caráter de verdade	Asseverativa	Apresenta o conceito como algo certo ou verdadeiro
	Quase- asseverativa	Apresenta o conteúdo como algo quase certo ou verdadeiro
	Delimitadora	Determina os limites sobre os quais se deve considerar o conteúdo como verdadeiro.
Deôntica- expressa avaliação sobre o caráter facultativo, proibitivo ou de obrigatoriedade.	De obrigatoriedade	Apresenta o conteúdo como algo obrigatório e que precisa acontecer
	De proibição	Expressa o conteúdo como algo proibido, que não pode acontecer
	De possibilidade	Expressa o conteúdo como algo facultativo ou dá a permissão para que algo aconteça
Avaliativa- expressa avaliação ou ponto de vista	-	Expressa uma avaliação ou ponto de vista sobre o conteúdo, excetuando-se qualquer caráter deôntico ou epistêmico

O que foi apresentado neste capítulo possibilita entender o que são as modalizações que se representam nos enunciados, reconhecendo as contribuições da filosofia lógica para que este fenômeno fosse observado na descrição das línguas naturais e, com isso, seja instrumento de investigação de como a linguística tem se interessado por pesquisas que focalizam estas marcas que agregam valores semânticos, pragmáticos e discursivos nas interações comunicativas, seja na modalidade oral ou escrita.

Ademais, esta seção possibilitou o conhecimento de alguns elementos linguísticos que fazem emergir as marcas de intenção do enunciador no conteúdo proposicional. Ressalte-se a proeminência que oferecemos ao elemento modalizador adverbial com terminação em –mente, objeto de análise em nossa pesquisa, fazendo, assim, estabelecermos uma antecipação de como

estes elementos estão imersos na interação comunicativa, instituindo, pois, determinados usos em face do conteúdo proposicional.

Além do que já expusemos, esta seção também priorizou conhecer as tipologias e subtipologias que estabelecem determinadas características que lhes são peculiares e perceber o quanto é produtiva esta divisão através de nuances semântico-discursivas, fazendo, assim, perceber a fluidez das modalizações que se representam, assim como os advérbios, em elementos híbridos, haja vista que estão envolvidos, no processo de comunicação, os interactantes, o contexto enunciativo, dentre outros.

Por fim, a incursão que fizemos no estudo das modalizações permite que a análise dos advérbios modalizadores em –mente seja o mote para que possamos perscrutar estes usos na descrição da língua enquanto função.

Após esta incursão acerca do que se convencionou definir a categoria adverbial a partir de determinadas posições adotadas pelos diversos compêndios gramaticais analisados, ficamos convictos de que a abordagem gramatical, por si só, não é suficiente para conceituar e analisar esta categoria. Por isso, intensificamos a discussão, apresentando a indicação de que a investigação linguística procura esclarecer alguns aspectos que não são explicados sem o amparo desta ciência. Nesse sentido, passemos a observar os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

Capítulo 3

Procedimentos metodológicos

Após a apresentação e revisão da literatura que se faz presente neste trabalho e que, de alguma forma, contribuiu de forma significativa para que chegássemos aos resultados dispostos na análise deste trabalho, julgamos pertinente discorrer, neste momento, sobre a natureza dos *corpora* utilizados nesta pesquisa. Nesse sentido, há que se dizer que as pesquisas linguísticas que se representam através de uma abordagem centrada no uso que se faz da língua têm se desenvolvido a partir de textos que se efetivam em face das interações dos usuários e, nessa direção, nossa pesquisa se estabelece, vez que os *corpora* investigados suscitam a observação da língua que se constitui em seu uso.

Dito isto, é necessário que se conheçam as especificidades dos *corpora* para que não incorramos em análises equivocadas. Sendo assim, informamos que estes foram organizados pelo Grupo Discurso e Gramática (D&G) que foi fundado no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ em 1991 e tem se interessado, desde então, por pesquisas de cunho funcionalista. Assim, membros do grupo organizaram amostras de língua falada e escrita com informantes de cinco cidades brasileiras, quais sejam: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande (Porto alegre), Juiz de Fora e Niterói.

Assim, são investigados os modalizadores em –mente presentes no *corpus* de cada uma dessas cidades tanto na fala como na escrita, representando os *corpora* que permitem analisar como se efetiva o uso da língua em diversas partes do Brasil. Nesse sentido, urge esclarecer que não fizemos uma distinção entre os modalizadores que se materializam nestas duas modalidades (oral/escrita) e, sendo assim, analisamos ambas sem dissociações, entendendo que tanto em uma quanto em outra os modalizadores representam-se através de aspectos discursivo-pragmáticos.

Depois desta exposição, é importante enfatizar que os *corpora* estão organizados a partir de informações colhidas na oralidade e na escrita por 171 informantes que estão, assim, divididos:

- a-) Juiz de Fora -20 informantes;
- b-) Rio Grande (Porto alegre)- 20 informantes;
- c-) Natal- 20 informantes;
- d-) Niterói- 18 informantes;
- e-) Rio de Janeiro- 93 informantes

Após esta consideração, julgamos imprescindível destacar que cada um dos informantes produziu cinco tipos diferentes de textos orais e, a partir destes, cinco escritos. Contudo, nossa pesquisa não tem como interesse comparar a representação modalizadora que emerge através do advérbio em –mente na fala e na escrita . Conforme mencionado, cada falante produziu cinco tipos de textos seja na fala e na escrita e, sendo assim, é importante frisar a tipologia que os representa. Foram produzidos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Ressalte-se que não se fez uma separação das ocorrências do modalizador adverbial em –mente mais frequente em cada tipo textual informado, uma vez que analisamos a sua ocorrência efetivada em todas as representações textuais dos corpora.

Levantamos, aqui, a hipótese de que o tipo de modalização mais frequente seja a epistêmica, pois este tipo de modalização atesta o valor de verdade em face do conteúdo da proposição enunciada e, assim, esta consideração se coaduna à natureza tipológica dos textos: narrativa (de experiência pessoal e narrativa recontada), relato de procedimento e descrição de local.

Além da utilização dos tipos de textos apresentados, o grupo D&G selecionou informantes inseridos em diferentes séries de escolarização e, por conseguinte, por faixas de idade. Contudo, faixa etária e escolarização não são elementos de análise nesta pesquisa, pois, ainda que reconheçamos a sua importância, pretendemos observar a frequência, sem, contudo, fazer dissociações através desses dois componentes que são de muita importância para uma pesquisa que tenha uma abordagem sociolinguística. O que não é, pois, o objetivo deste trabalho. Logo, entre a possibilidade de determinado elemento ser considerado o prototípico da categoria

que o representa ou pela frequência com que se efetiva no material analisado ou pela reunião de traços[morfológicos, sintáticos e semânticos] peculiares de determinada categoria, escolhemos, para fins de análise, o princípio da frequência.

Após isto, passemos, então, a enfatizar o percurso metodológico que adotamos nesta pesquisa. Nossa análise parte de uma observação nos *corpora* investigados quando identificamos todas as ocorrências de advérbio com sufixo- mente. Após isto, fez-se uma divisão categorial entre os tipos de advérbios em –mente que encontramos. Predicadores: qualitativos, aspectualizadores e modalizadores.

Sendo assim, analisamos se a ocorrência do advérbio em –mente é mais frequente entre os predicadores ou entre os não-predicadores, ou seja, se a sua frequência se efetiva a partir da possibilidade de modificar termos ou toda a sentença (advérbios predicadores) ou se entre os que não estabelecem mudança no sentido de termos nem tampouco de sentenças (não-predicadores). Levantamos outra hipótese que se sustenta na afirmação de que os predicadores podem ser mais recorrentes pelo fato destes representarem a definição categorial do advérbio que é o seu potencial de modificação de sentidos.

Após estes passos, eis os próximos:

- i-) Analisar o advérbio predicator modalizador em –mente que se repete de forma contínua, logo o mais prototípico em se tratando da frequência com que se efetiva nos corpora;
- ii-) Observar em que tipologia modalizadora este advérbio é acionado: epistêmica, deôntica ou afetiva/avaliativa. Assim, poder afirmar qual dessas tipologias modalizadoras os usuários da língua utilizam com mais frequência;
- iii-) Analisar possibilidades distintas do uso desse modalizador em –mente, numa acepção hipotético-dedutiva, e, dessa forma, verificar as nuances discursivo-pragmáticas que se representam neste modalizador.

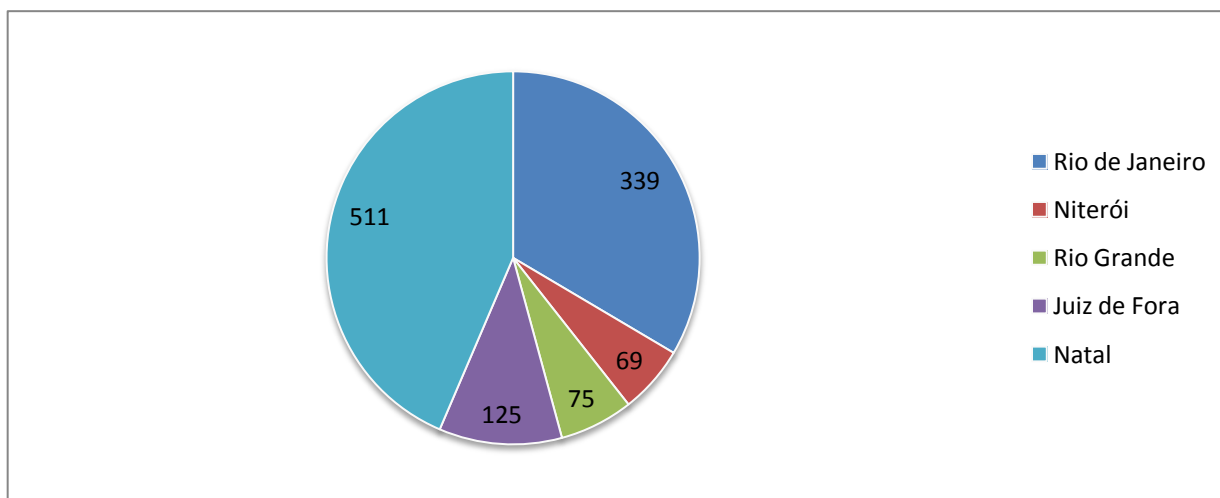
Após a execução do percurso metodológico, no próximo capítulo, apresentamos as análises que resultam no conjunto de ações previstas neste percurso.

Capítulo 4- Advérbio modalizador em –mente: análise a partir do *Realmente*

Antes de iniciarmos as considerações acerca da análise que fizemos, torna-se necessário reafirmar, neste instante, que devido à grande extensão dos *corpora* e das ocorrências dos modalizadores adverbiais em –mente, os resultados a que chegamos foram possíveis devido às entrevistas que se encontram no site do grupo D&G⁵, por meio de seus dados. Assim, conforme sinalizado na introdução, preferimos analisar e quantificar as ocorrências e apresentar alguns exemplos para que se possa ratificar o que assinalamos ao longo desta seção.

Sendo assim, após a análise nos *corpora* D&G e depois de termos feito a quantificação do advérbio em –mente, chegamos à conclusão de que este uso adverbial é bastante frequente e representa um total de 1.119 ocorrências. Dito isto, este número permite-nos observar como esta representação morfológica (nome+ mente) é contínua nos textos utilizados por usuários da língua. Todavia, mais que reconhecer a sua frequência morfológica, urge analisá-lo numa dimensão que esteja representado o uso da língua e, para tanto, aspectos discursivos e pragmáticos têm de ser levados em consideração, uma vez que apresentam contribuição importante para a efetivação comunicativa. Desta forma, para que se possa analisar melhor as ocorrências dos advérbios em –mente, vejamos o que representa o gráfico abaixo que traduz os números a partir das ocorrências em cada localidade/*corpus*.

Gráfico 1: OCORRÊNCIA DOS ADVÉRBIOS EM -MENTE NOS CORPORA D&G



⁵ www.discursoeagramatica.lettras.ufrj.br

Em face do que está disposto no gráfico acima, observa-se que há uma diferença considerável entre o *corpus* de Natal e o do Rio de Janeiro em relação aos demais, embora reconheçamos que o volume de dados de Niterói, Rio Grande e Juiz de Fora seja bastante inferior no que se refere à ocorrência destes advérbios.

Para esclarecer, vejamos os exemplos que se seguem:

(59).. germicida.. ele vai desinfetar essa pele... depois que você fez isso vai passar para a fase de relaxamento... você vai usar um creme base de vitaminas... eh:: **geralmente** com base de óleo...(Juiz de Fora)

(60) A entrevista foi boa apesar de depois que começamos a gravação um grupo de pessoas se aproximou e ficou conversando **relativamente** próximo de nós duas. Eles nem se tocaram pra falar baixo nem nada, mas eu achei melhor não parara gravação. Já não estava incomodando muito.....De vez em quando eles falavam...gravação.[Rio de Janeiro] .

(61)Vou dar uma opinião sobre a situação econômica que **provavelmente** deveria ter mudanças no final deste ano visto que as taxas de juros nas aplicações em CDB/RDB, poupança e outros estão muito elevadas em relação à inflação divulgada. [**Rio Grande**].

Diante desta constatação, analisamos que dos 1.119 usos do advérbio em –mente, 835 estão representados pela noção semântica predadora incidindo sobre um constituinte oracional ou sobre toda a sentença em que ocorre e 284 referem-se aos advérbios não- predadores, pois não têm o potencial de modificar o sentido nem de constituintes da oração nem, tampouco, de toda a sentença em que estão inseridos.

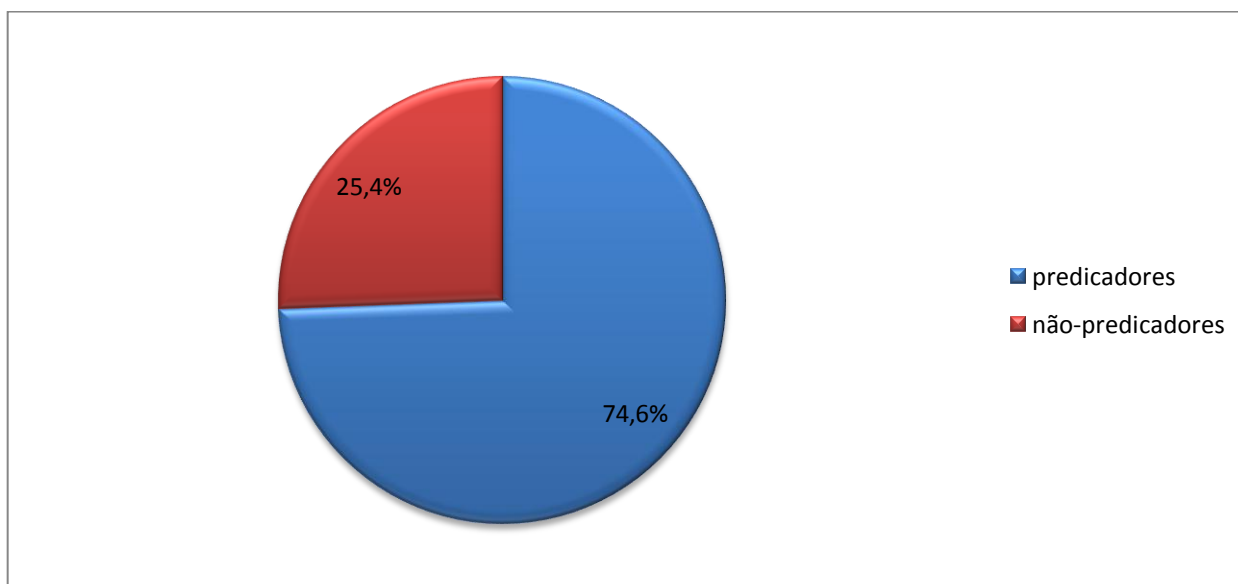
Sendo assim, os não-predadores representam-se nos *corpora* principalmente como advérbios focalizadores, pois explicitam informações mais exatas a respeito do que está circunscrito no enunciado, sem, contudo, modificar sentido, característica básica do advérbio. Portanto, advérbios focalizadores e os circunstanciais que estão associados, sobretudo, a noções temporais não aspectualizadoras são os mais frequentes no rótulo dos não-predadores.

Ressalte-se que não tratamos enfaticamente das ocorrências dos não-predadores, vez que não reúnem, em seu grupo, os modalizadores que se inscrevem como um dos tipos adverbiais da categoria predadora. Assim, as informações que apresentamos acerca dos não-

predicadores são apenas para que se tenha uma ideia de sua ocorrência nos *corpora*, mas não nos interessa, nesta pesquisa, enfatizar números entre os tipos adverbiais envolvidos nesta categoria.

Dito isto, sabendo-se que os advérbios predicadores são os mais frequentes, correspondendo, pois, a 74.62% das ocorrências verificadas, é possível estabelecer que nas interações comunicativas o advérbio em –mente mais acionado pelos usuários da língua é de natureza predadora e, assim, têm a possibilidade de modificar o sentido de constituintes da oração, ou o seu sentido está relacionado à sentença como um todo. Desta consideração, enquadram-se no rótulo dos predicadores os advérbios modalizadores, os de modo (qualitativos), os quantitativos e os aspectualizadores. Para melhor esclarecer os números apresentados, vejamos o gráfico 2.

Gráfico 2: ADVÉRBIO EM- MENTE SOB O ASPECTO SEMÂNTICO NOS CORPORA D&G (%)



Para esclarecer, vejamos os exemplos que se seguem:

(62)Ele deita **novamente** o incenso no turíbulo...eu fecho o turíbulo... e vou pra::... pra mesa da palavra (não Predicador)

(63)Vou relatar como é o meu trabalho na clínica; eu atendo telefone, marco consulta, vou a banco, entrego contas, atendo os pacientes, preencho os formulários dos pacientes, faço faxina

e **diariamente** lavo banheiro a varanda, limpo os moveis faço tudo, ou seja, de tudo um pouco. (predicador)

O resultado apresentado no gráfico dois possibilita entender a saliência predicatora em que ocorrem os advérbios nas interações comunicativas, ou seja, permite observar que há uma tendência significativa de utilizá-lo como modificador de sentido de constituinte ou de sentença e, desta observação, é possível destacar a tendência mais fraca de utilizá-lo como não-predicador que se representa pelos advérbios categorizados numa abordagem semântica denominada de verificação. Nesta, inclui-se, como já mencionado, os focalizadores e os circunstanciais de tempo.

Para que se tenha uma ideia das ocorrências desta forma adverbial (nome + mente) que representam a categoria predicatora nas interações comunicativas destacadas dos *corpora* analisados, apresentamos os números que traduzem o uso desta forma adverbial no *corpus* de cada localidade que compõe o grupo Discurso e Gramática.

Tabela 4: OCORRÊNCIAS DOS ADVÉRBIOS PREDICADORES EM –MENTE

Corpus (D&G)	Ocorrências	(%)
Rio de Janeiro	223	26,7
Niterói	59	7,1
Rio Grande	58	6,9
Juiz de Fora	102	12,2
Natal	393	47,1
total	835	100

Pelo que está representado na tabela acima, observamos uma saliência dos usos deste tipo adverbial predicator e, assim, o *corpus* de Natal apresenta ocorrência relevante em relação aos demais. Isto nos leva a um questionamento possível de ser analisado em outro momento, ou seja, na ampliação desta pesquisa, pois acreditamos que seja importante observar esta constatação, vez que há uma paridade no que diz respeito à quantidade de informantes de Natal em relação aos de Juiz de Fora, Rio Grande e Niterói e, ainda assim, o uso do advérbio em –mente predicator é largamente utilizado pelos falantes de Natal ao contrário do que se percebe no uso deste tipo adverbial nas demais localidades. Desse modo, é possível perceber que há uma inclinação dos informantes da cidade de Natal em utilizar com recorrência o advérbio predicator

em –mente numa escala maior que os de outras localidades cujos informantes somam praticamente a mesma quantidade.

Além do exposto, mas ainda acerca da mesma discussão, há que ser destacado que a hipótese seria a de que no *corpus* do Rio de Janeiro fosse utilizado com mais proeminência este tipo de advérbio, dada a quantidade de informantes inseridos no *corpus* desta cidade. Assim, a cidade do Rio de Janeiro conta com 54,3 % do total de informantes representados nos *corpora* e, mesmo correspondendo a um número superior em relação ao das outras cidades, não foi o que apresentou maior ocorrência do advérbio em –mente da categoria predicatora.

Esta afirmação parece ser ratificada pela ocorrência dos advérbios predadores em –mente utilizados por falantes de Niterói que apresenta uma frequência baixa se comparada às demais localidades, correspondendo, pois, a 6,9 % das ocorrências verificadas. Desta constatação, é válido salientar que o uso de advérbios predadores em –mente não seja tão recorrente na interação comunicativa dos usuários da língua destes lugares-Rio de Janeiro e Niterói- e, pela proximidade entre estas cidades é possível propor que há uma tendência dos seus falantes não utilizarem com frequência advérbios em –mente com indicação de modificação de sentido de constituinte ou de sentença.

Feitas as considerações acerca do advérbio em –mente cujo potencial semântico prioriza a modificação do sentido de termos da oração ou mesmo de toda a sentença e, ainda, após a observação de que este é o mais frequente nos *corpora* encontrados e, desse modo, o mais comum nas interações de comunicação, vejamos qual a frequência dos modalizadores nos *corpora*. Assim, passemos, então, a observar as ocorrências dos modalizadores que estão representados como advérbios predadores por incidirem potencial semântico sobre toda a sentença, marcando, de alguma forma, no conteúdo proposicional, os efeitos de sentido. Lembremo-nos de que os predadores nos *corpora* analisados somam um total de 835 ocorrências.

Após a análise em cada corpus, chegamos ao quantitativo de 408 advérbios modalizadores em –mente. Nesse sentido, há que se ressaltar que a ocorrência maior entre os predadores é a dos modalizadores e, assim, é possível dizer que no uso da língua o que o falante faz proeminentemente é marcar o conteúdo proposicional para atender a alguma

intenção. Logo, fica estabelecido que o advérbio em –mente mais acionado é aquele que o seu potencial semântico incide sobre toda a sentença. Após esta observação, chegamos às seguintes ocorrências modalizadoras em cada *corpus* analisado.

Tabela 5: OCORRÊNCIA DE ADVÉRBIOS MODALIZADORES EM -MENTE NOS CORPORA D&G

Localidade	ocorrências	(%)
Rio de Janeiro	91	22,4
Niterói	23	5,6
Juiz de Fora	51	12,5
Rio Grande	38	9,3
Natal	205	50,2
TOTAL	408	100

Através do que se apresenta na tabela acima, ficamos convictos de que o que dissemos anteriormente quando informamos que os predicadores são recorrentes no uso da língua analisada pelos usuários de Natal é, de fato, comprovado, vez que os modalizadores estão representados com proeminência. Feita esta observação, informamos que de todas as ocorrências modalizadoras analisadas, a mais frequente foi o uso do advérbio **realmente** e, a partir de então, nossa discussão partirá através dele, indicando, assim, qual o tipo de modalização mais frequente nos corpora e, por conseguinte, seja também o tipo mais frequente nas interações de comunicação.

Sabendo-se que o uso modalizador adverbial em –mente mais frequente nos *corpora* é o **realmente** que corresponde a um total de 160 ocorrências, vejamos, então, como este se representa. Para tanto, observemos, na tabela abaixo, as suas ocorrências.

Tabela 6: OCORRÊNCIA DO ADVÉRBIO MODALIZADOR REALMENTE NOS CORPORA

Localidade	Ocorrência	(%)
Rio de Janeiro	16	10
Niterói	07	4,4
Juiz de Fora	13	8,1
Rio Grande	10	6,2
Natal	114	71,3
total	160	100

A partir do que já foi apresentado, vele salientar como o modalizador **realmente** foi

utilizado pelos informantes dos *corpora* analisados e, assim, cabe, neste instante, a título de ilustração, destacar a sua ocorrência em termos percentuais. Dessa forma, é possível estabelecer que comparado a todas as ocorrências dos advérbios com terminação em –mente o **realmente** teve uma frequência de 14,3%. Este percentual nos permite dizer de sua produtividade e, mais que isso, de como ele é acionado com recorrência nas interações comunicativas, vez que entre outras representações de advérbios em –mente – aspectualizadores, qualitativos (modo), quantitativos e mesmo entre os de verificação, que denominamos de não-predicadores- o uso modalizador **realmente** foi o mais frequente.

Além disso, no que se refere ao grupo dos predicadores, o **realmente** é representado por 19,6% e, com isso, está representado com maior ênfase se comparado a outros advérbios com esta terminação capaz de modificar constituintes ou sentença. Podemos, ainda, estabelecer outro dado significativo que é a ocorrência do advérbio **realmente** no grupo dos predicadores que têm por objetivo marcar algumas atitudes do usuário da língua frente ao que enuncia. Nesse sentido, o **realmente** se inscreve numa representação de 39,2 %. Portanto, julgamos pertinente apresentar, nos gráficos 3,4 e 5, estes dados para que possamos tecer algumas considerações.

Gráfico 3: OCORRÊNCIA DO REALMENTE ENTRE TODOS OS ADVÉRBIOS EM -
MENTE

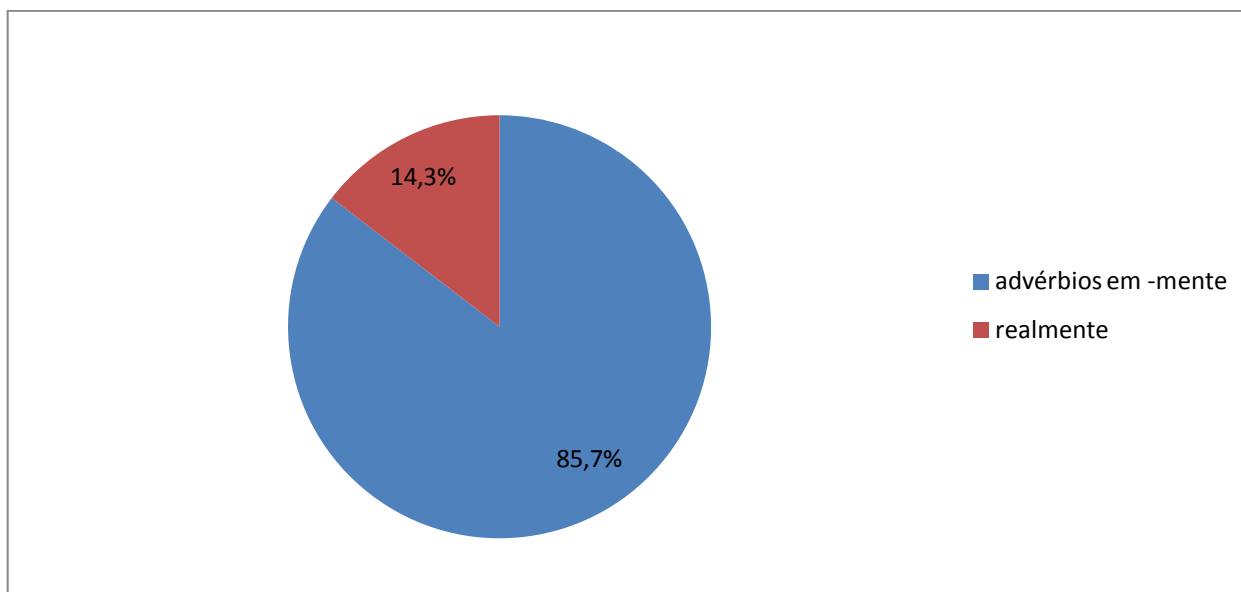


Gráfico 4: OCORRÊNCIA DO REALMENTE ENTRE OS PREDICADORES

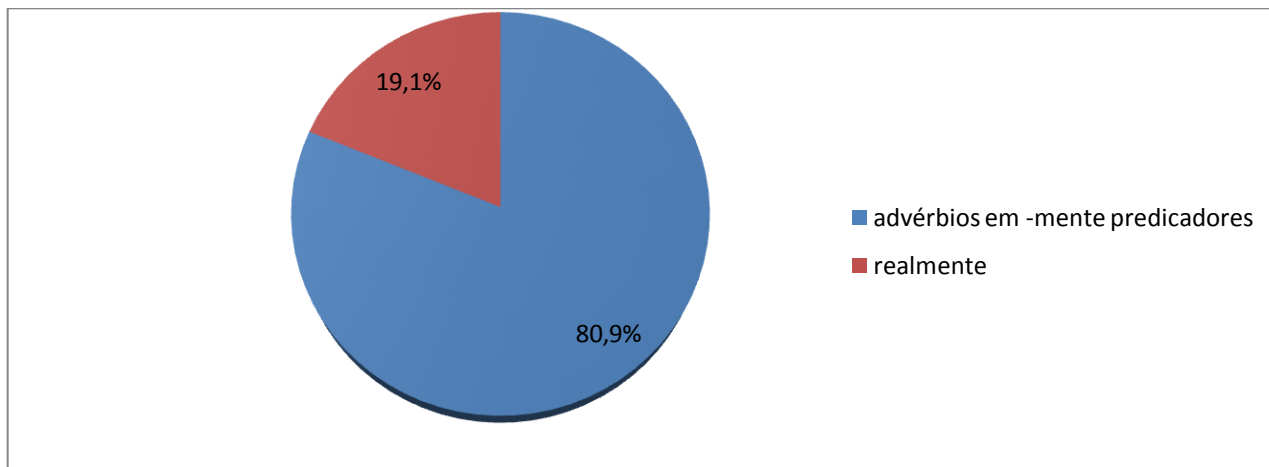
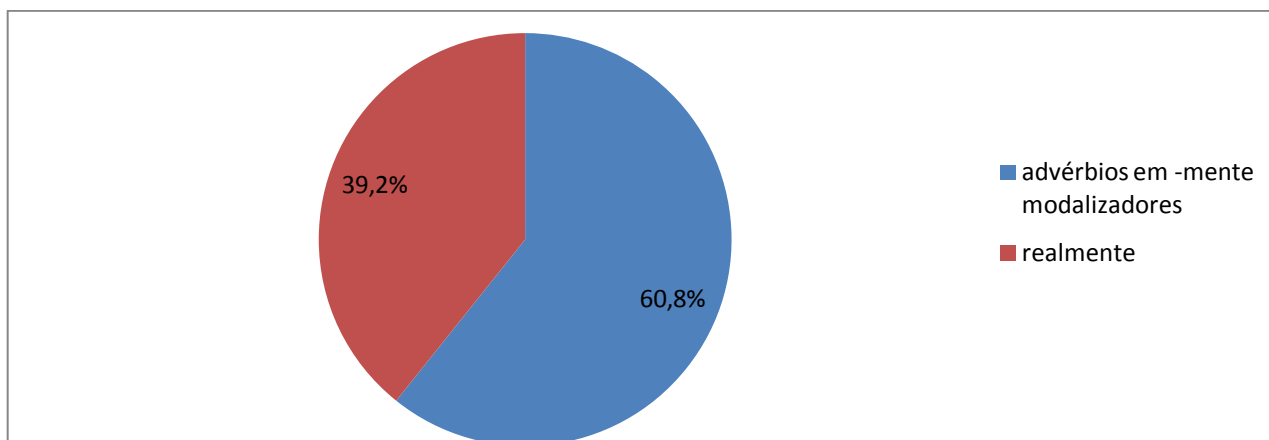


Gráfico 5: OCORRÊNCIA DO REALMENTE ENTRE OS MODALIZADORES



Diante do que está representado nos gráficos acima, é possível observar que o advérbio em destaque, conforme analisado em cada situação em que aparece, apresenta uma gradiência de ocorrência, fazendo, assim, entender que a sua utilização se efetiva num *continuum* que possibilita acreditar que sua frequência se estende quando de uma análise que se estabelece do mais genérico para o tipo mais específico (modalizador).

Assim, é possível conjecturar que numa observação apenas morfológica em que se analisa o traço (nome + mente) é previsível que a ocorrência de determinado item seja menos frequente, visto que há outras possibilidades de ocorrência de outros advérbios com o mesmo traço. Do morfológico para o semântico é previsível que se excluam outros advérbios que tenham o

mesmo traço morfológico, mas que não tenham o potencial predicator de modificar o sentido de constituinte ou toda a sentença. Assim, a frequência tende a ser maior. Numa observação que envolva traço morfológico, aspecto semântico e nuance pragmático-discursiva é possível que se chegue a uma frequência ainda maior, visto que se anulam outros itens que não se relacionam à noção pragmático-discursiva.

Reconhecido o modalizador mais frequente nos *corpora* investigados, passemos, então, a observar estas ocorrências e, a partir de então, utilizamos alguns dos enunciados em que este modalizador é utilizado para que possamos analisar qual o tipo de modalização, dentre os citados na segunda seção deste trabalho, os usuários da língua utilizam com mais frequência e, além disso, analisar os efeitos de sentido que são materializados no discurso.

Após a observação das ocorrências do modalizador **realmente**, encontramos duas situações em que ele é acionado nas interações comunicativas e, sendo assim, antes de apresentarmos os dados que representam as situações em que ocorrem, julgamos necessário apresentar, de início, alguns enunciados que se efetivam nos *corpora* para, em seguida, tecermos algumas considerações acerca destes usos que, no evento comunicativo, o usuário da língua dispõe conforme a intenção que se pretenda atingir.

Diante do exposto, extraímos dos *corpora* cinco exemplos de cada uma destas situações que são possíveis de serem utilizadas pelo falante. Portanto, vejamos alguns dos enunciados que comprovam o que afirmamos acima.

(64)[...]Não ... eu vou querer o desenho dela ... o desenho dela ... eu faço questão **realmente** ... mas como eu falei pra você ... num vai ser um projeto pra agora não ...

(650) [...]o local que eu mais gosto de ficar **realmente** é lá na... na varanda da minha casa mesmo... que eu... eu gosto de ficar ouvindo mú::sica... aos sábados à noite... né?

(66) [...]a criança não tem nem como se defender... não tem pra onde fugir... não tem fuga... e ela... sofre com isso também... e... **realmente** é muito animal... quem pratica o aborto...

(67)[...]. Mas o que **realmente** me (deixo)envaideceu foi serconvidado a ser monitor de ciência (do ano) da 8a série do ano letivo seguinte.Esse trabalho me deu muita autoconfiança e fez nascer em mim o desejo de lecionar ciências.

(68)[...] **realmente**... é um colégio normal como o outro... só que as condições que se colocam/ que eu... estava acostumado... meio ap/ é... um colégio meio... eh... vamos dizer assim... maternal.

(69) [...]então agora eu não sei se isso é um refúgio dela... ou se ela **realmente**... ela está apaixonada pelo cara

(70) [...] uma mulher com vinte e três... que foi noiva... prestes a casar... está tendo/ está me demonstrando ou muita fragilidade... que eu não consegui definir... ou muita fragilidade... muita decepção... carregada de um monte de coisa junto... ou::... **realmente** amor/ a... a idéia de primei/de amor à primeira vista que eu nunca::... tinha tido antes.. né?

(71) Eu tenho uma certa dúvida se elas acreditam **realmente**..... sabe?

(72) então eu fico achando se elas **realmente**... se elas **realmente** creem..... acredita na bíblia

(73) [...] porque isso eu aprendi faz pouco tempo né...aí eu ainda vou ver como é que vai ficar...pra mim ver se **realmente** dá certo... sé é gostosa também né?

Após a observação levantada acerca dos usos do advérbio predicator modalizador **realmente**, chegamos à conclusão de que este advérbio configura-se através de um alto grau de adesão do falante em relação ao que enuncia e, assim, o seu caráter modalizador se efetiva como uma ênfase do conteúdo proposicional.

Desse modo, esta seria uma das situações em que o usuário da língua utiliza este advérbio e, sendo assim, este uso se efetiva quando o falante considera verdadeiro, incontestável, o conteúdo da proposição. Logo, é possível afirmar que uma das situações em que o **realmente** é utilizado refere-se à modalização epistêmica asseverativa, pois é este o tipo de modalização que o usuário lança mão nos enunciados de (59) a (63).

Destarte, tem como intenção estabelecer como verdade o que enuncia, ou mais que isso,

fazer com que o interlocutor tome o conteúdo proposicional emitido como autêntico, logo, representado pela veracidade do que é enunciado pelo falante.

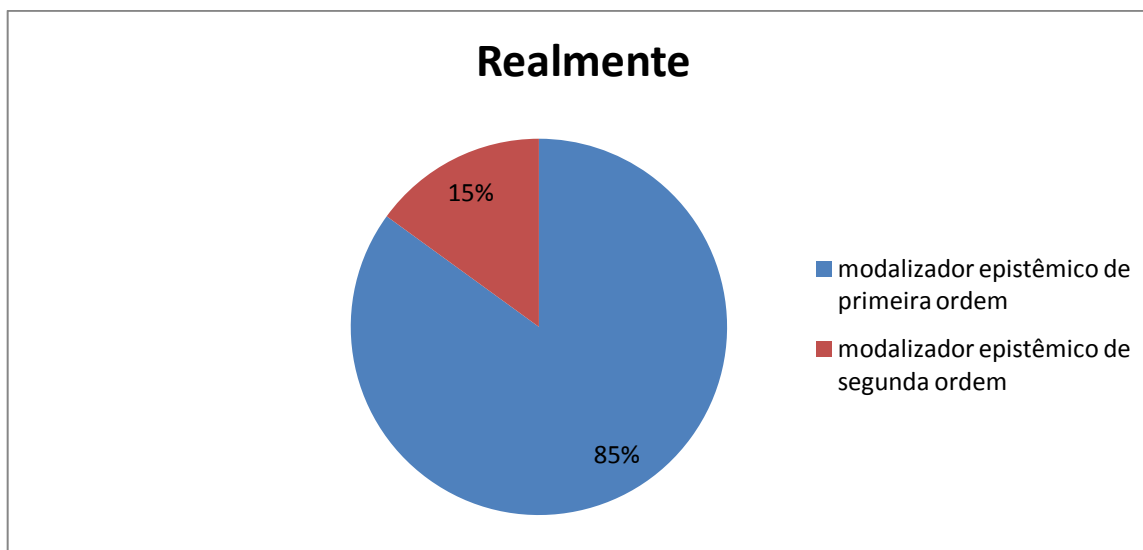
Por outro lado, utilizando o **realmente** também como modalização epistêmica, ou seja, quando o falante expressa uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição, é possível perceber que de (64) a (69) o usuário marca o que enuncia através de uma adesão mais baixa frente ao que emite, visto que considera o conteúdo da proposição quase certo ou como algo que provavelmente pode ser confirmado ou não. Desse modo, ressalte-se que o tipo de modalização acionada pelo uso do advérbio **realmente**, nesta situação, é a epistêmica quase – asseverativa.

Ainda acerca desta segunda situação em que ocorre, percebemos que nos enunciados os modalizadores quase-asseverativos são marcados pela conjunção condicional (se) ou pela conjunção alternativa (ou), permitindo, pois, afirmar que há a possibilidade do que é enunciado se confirmar, pois ora pode depender de determinada condição para que o conteúdo proposicional seja tido como verdade ou pode envolver uma situação de alternância e, com isso, o falante não atesta a veracidade do que enuncia pelo fato de ter dúvida entre uma informação ou outra.

Diante destas observações, consideramos que o **realmente** que está representado pelo valor de verdade que o enunciador utiliza seja, pelo fato de apresentar alto grau de adesão, um modalizador epistêmico de primeira ordem e, aquele que representa um menor grau de adesão do falante seja, pois, um modalizador epistêmico de segunda ordem, visto que o emissor considera o conteúdo proposicional como uma hipótese a ser confirmada.

Em face disto, passemos a observar se estão presentes com recorrência nos *corpora* e, com isso, nas interações comunicativas diversas, o **realmente** como modalizador de primeira ou de segunda ordem. Para tanto, observemos o gráfico abaixo que reúne as ocorrências destes modalizadores epistêmicos: asseverativos e quase- asseverativos.

Gráfico 6: REALMENTE: ADVÉRBIO MODALIZADOR EPISTÊMICO



O gráfico acima permite observar que o modalizador mais recorrente nos *corpora* analisados caracteriza-se pela tipologia epistêmica e, sendo assim, o enunciador marca a proposição através de sua avaliação acerca do valor de verdade do que emite, tornando, então, uma representação asseverativa que, conforme sinalizado no gráfico, é o tipo de modalização acionada pelos usuários da língua e, com isso, é cabível frisar que no estabelecimento do evento comunicativo o falante procura imprimir veracidade diante do que enuncia e, diante disto, possibilita que o interlocutor possa considerar a proposição como verdadeira e aceitá-la.

Nesse sentido, é possível referir que nas comunicações diversas a modalização epistêmica seja a mais recorrente e aquela que denominamos de modalização epistêmica de primeira ordem é a que o usuário da língua mais aciona permitindo, então, que o interlocutor aceite a proposição como verdade.

Destarte, é cabível propor que o uso do modalizador **realmente** que apresenta uma avaliação de verdade do que o usuário da língua enuncia- modalizador epistêmico de primeira ordem- é o mais frequente nos *corpora* investigados e corresponde a 136 ocorrências. Sendo assim, de alguma forma, é possível estabelecer que o **realmente** que se refere à adesão do

falante acerca do valor de verdade em face do que enuncia seja o modalizador prototípico desta categoria, pois, admitindo que a prototipia relaciona-se entre cognição e gramática, é o melhor exemplo da categoria utilizado pelo falante, pois além de ser o mais frequente, é o que agrega, em sua representação, mais atributos da categoria: predica sentença, marca o conteúdo proposicional através das impressões do enunciador, atesta o valor de verdade daquilo que enuncia. Isto posto, ainda é possível conjecturar que o **realmente** seja o modalizador epistêmico que o falante evoca em primeiro lugar no estabelecimento de suas interações comunicativas.

Além do que já expusemos acerca do modalizador perscrutado, numa escala menor, mas com a possibilidade de tornar o conteúdo proposicional como verdadeiro, o usuário da língua utiliza o mesmo advérbio modalizador epistêmico **realmente** sem que tenha como verdade o que enuncia, mas que indica uma possibilidade de ser confirmada a depender de fatores já sinalizados anteriormente. Por isso, afirmamos que, nesta situação, por haver um menor engajamento do falante em face do que enuncia, este uso seja considerado como modalizador epistêmico de segunda ordem.

Após as análises arroladas nesta seção foi possível traçar o modalizador mais frequente nos *corpora* investigados e, de alguma forma, acreditamos que seja o mais utilizado no evento comunicativo. Sendo assim, para que chegássemos aos usos do modalizador **realmente** foi necessário que observássemos através de uma situação que envolvesse os efeitos de sentido que podem ser apreendidos pelo interlocutor. Logo, a afirmação da existência do modalizador **realmente** como de primeira e segunda ordem foi possível através de uma observação pragmático-discursiva e, sendo assim, é permitido estabelecer que o mesmo item modalizador possa agregar funções distintas no processo comunicativo.

Depois das discussões ventiladas nesta seção, passemos a observar, no tópico seguinte, as considerações a que chegamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os resultados apresentados no capítulo anterior, torna-se importante discutir que verdadeiramente o advérbio tem de ser analisado a partir de uma caracterização que vá além do que a tradição tem estabelecido, analisando-o, pois, numa dimensão em que o uso da língua se efetive. Sendo assim, quando da observação da ocorrência dos modalizadores em –mente, percebemos que os efeitos de sentido materializados no instante da comunicação têm função(ões) primordial(is) na sua efetivação, o que reforça a ideia de que os aspectos pragmáticos que envolvem os propósitos dos usuário no evento comunicativo devem ser levados em consideração, haja vista que há sempre um objetivo que marca a comunicação e, além disso, os aspectos discursivos possibilitam a apreensão dos efeitos de sentido que constituem os discursos que se entrelaçam em direção a um propósito.

Nesse sentido, a referência em analisar o advérbio através de uma dimensão mais ampla ganha ênfase a partir do envolvimento dos fatores pragmáticos e discursivos não levados em consideração pela tradição que observa esta categoria apenas em termos morfológicos, semânticos e sintáticos. Portanto, para uma abordagem que verifique o advérbio no âmago da representação da língua em uso torna-se necessário envolver os fatores acima citados, pois considerando o advérbio uma categoria híbrida tais fatores não podem deixar de ser contemplados.

Nesse instante, é importante destacar que os modalizadores sejam uma extensão dos advérbios de modo e representam-se num *continuum* através da intervenção do falante em face do que enuncia e, sendo assim, desenvolveram-se dos advérbios denominados qualitativos através das semelhanças de alguns atributos que lhes são privativos. No entanto, os modalizadores não apresentam apenas a modificação da ação verbal, mas caracterizam a atitude do enunciador em face do que emite.

Através do que já expusemos, para que observássemos o advérbio a partir do que afirmamos, ou seja, em face de uma representação que permitisse analisar os fatores já citados, os modalizadores em –mente que estão representados com recorrência nas mais diversas situações de comunicação apresentam as atitudes deixadas no enunciado e atestam, de alguma

forma, o engajamento de quem os produz e, sendo assim, entre as ocorrências modalizadoras verificadas nos *corpora* investigados é possível estabelecer que o usuário lança mão de determinadas atitudes seja para avaliar afetivamente o que enuncia, seja para marcar em maior ou menor grau a obrigatoriedade de alguma situação ou seja para avaliar o valor de verdade do conteúdo proposicional enunciado. Esta última é a que se representa mormente no evento comunicativo seja numa situação que denominamos de primeira ou de segunda ordem através do advérbio **realmente**.

Destarte, o modalizador epistêmico **realmente** é o representante mais frequente da categoria adverbial com terminação em -mente nos *corpora* analisados, vez que os usuários o utilizam para atestarem o valor de verdade do que enunciam, fazendo com que o interlocutor possa acreditar no que está representado no conteúdo proposicional enunciado, ou seja, o enunciador marca a adesão medida pelo seu saber sobre as coisas. Além disso, seu uso serve também para garantir a possibilidade de que seja verdadeiro o que é enunciado pelo falante. Nesta situação, é permitido destacar que há a possibilidade do falante não querer tomar para si o que enuncia, visto que, neste caso, a ideia representada é a de que possa ser verdade ou não o que ele assevera, podendo ser concretizada ou não.

Por fim, pelo menos por enquanto, é necessário estabelecer que estas discussões não se esgotam por aqui, pois sabendo que algumas inquietações ficaram sem respostas, sobretudo quando observamos uma relevância significativa no uso do modalizador epistêmico mais frequente no *corpus* de determinada localidade, julgamos interessante observar as razões pelas quais estas ocorrências foram mais salientes se comparadas com as de outras localidades.

Portanto, esperamos ter cumprido o que tínhamos como objetivo nesta pesquisa e, assim, poder ter deixado, ao menos, o estímulo para que se possa pesquisar o advérbio em suas diversas faces, realizando novas investidas na descrição e compreensão desta categoria que, ao nosso ver, encontra-se em processo de definição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 43º ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BAGNO, Marcos. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37º ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BELLERT, O. (1977). On semantic and distributional properties of sentential adverbs. **Linguistic Inquiry** 8(2) 337-350.

BOMFIM, Eneida. _____. **Advérbios**. São Paulo. Série princípios: Editora ática, 1988.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 44ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CASTILHO, A.T.; CASTILHO, C.M.M. Advérbios modalizadores. IN: ILARI, Rodolfo (org). **Gramática do português falado**. Vol. II: níveis de análise lingüística. 2º Ed. Campinas: editora da UNICAMP (1993).

_____. **Nova gramática do Português brasileiro**. 1º ed.- São Paulo: contexto, 2012.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: ática, 1989.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

CUNHA, Celso; CINTRA, F.L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. 5º ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

DUCROT, O. A quoi sert Le concept de modalité? In: DITTMAR, N.; REICH, A. (eds). **Modality in language acquisition**. Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 111-130.

FIORIN, José Luiz. A modalização na linguagem. In: **revista eletrônica alfanº44 p.171-192**: São Paulo, 2000.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional –typological introduction**. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

JACKENDOFF, Ray. (1972) **Semantic interpretation in generative Grammar**. Cambridge MIT press.

KIEFER, F. **On defining modality**. *Folia linguistic*, v. 21, nº 1 p. 67-93, 1987.

KOCH, Ingedore V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1987.

KURY, Adriano da Gama. **Pequena gramática: para a explicação da nova nomenclatura gramatical**. 7º edição. Rio de Janeiro: Livraria Agir editora, 1961.

LE QUELER, Nicole. **Typologie des modalités**. Presses universitaires de Cean. Cean: France, 1996.

LUFT, Celso Pedro. **Novo Manual de Português, Gramática, Ortografia Oficial, Redação, Literatura, Textos e testes**. 8º edição. São Paulo: Globo, 1990.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge university Press, 1977.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo linguístico**. 5º edição. São Paulo: Pioniera, 1987.

MARTELOTTA, M.E.. Advérbios- conceitos e tendências de ordenação. IN: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZÁRIO, Maria Maura(orgs) **Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas**. P.13-96. Niterói: editora da UFF, 2012.

MARTINET, A. Qu'est-ce que La linguistique fonctionnelle? **ALFA**, v. 38, 1994, pp 11-18.

NASCIMENTO, Erivaldo P. do; SILVA, Joseli Maria da. Modalização. In: ESPÍNDOLA. L. (org). **Teorias pragmáticas e ensino**. João Pessoa: editora da UFPB, 2012

_____. **A modalização deôntica e suas peculiaridades semântico-discursivas**. João Pessoa: UFPB, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: contexto, 2006.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

NICHOLS, J. Functional theories of Grammar . **Annual Review of anthropology**, v. 43, 1984, pp. 97-117

PERINI, Mário A .**Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**-São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em lingüística .In: MUSSALIN, F; BENTES, A.C. (orgs). **Introdução à linguística**. 5º Ed. São Paulo: Cortez, 2011

PONTES, Adauto. **Gramática e antologia da língua Portuguesa**. 1º edição. Recife, PE: editora Gersa, 1966.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 25ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.

SILVA, Camilo Rosa. **Mas tem um porém: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos**. (tese de doutorado). João Pessoa: UFPB, 2005.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 3ª ed. Acadêmica editora, São Paulo, 1963.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 13ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ANEXOS

E: gostou do visual do meu quarto?

I: gostei ... sua janela é belíssima ...

E: ela está às suas ordens ... quando você tiver um caminhão para transportá-la ... ((riso))

I: não ... eu vou querer o desenho dela ... o desenho dela ... eu faço questão realmente ... mas como eu falei pra você ... num vai ser um projeto pra agora não ...

I: lógico que não ...

E: eu vou mexer em outras coisas ...

I: é ... você tem muitas outras prioridades ... do que uma janela agora né?

E: é ... inclusive porque eu preciso fazer outras reformas na casa ... pra receber essa janela ...

I: sim mas ... o entrevistado sou eu ...

E: é verdade ... vamos lá ... a parte do mar tá acabado?

I: é ...

E: você vai mexer agora só no céu?

I: é ... o céu eu devo refazer mais uma ... mais uma vez e ... colocar também pela última vez esses pássaros ... é ... tem Marcos é ... já tem três meses nesse quadro e ... num acho que esteja saindo um bom trabalho ...

E: eu num sei ... eu já falei pra você ... é ... eu gosto dele com exceção da montanha ... ele é perfeito ... eu gosto do azul ... talvez ...

I: pois olhe a coisa que mais me ... me atrai nesse quadro é justamente a montanha e aquela luz lá atrás ... o resto pra mim é ... lugar comum ... em qualquer lu/ em qualquer tela você encontra ... esses ... esses detalhes de mar ... e pássaro e ()

E: eu num conhecia ... honestamente ... essa disposição de pássaro que você tá dando ... aliás que a fotografia registra ... eu acho muito bonito ... tá bom ...

I: você acha que reproduziu alguma coisa da fotografia ... tem algum ...

E: é perfeito eu acho ... é uma reprodução perfeita ... ótimo ... eu ia dizendo a ... como você é fiel às cores ... por isso que eu perguntei a pouco pra você ... essa dificuldade de reproduzir ... as cores tais quais estão na fotografia ...

I: por que essa curiosidade em ... se eu continuarei na área de filosofia ou não?

E: por que essa curiosidade ... porque é ... pintura ... filosofia ... dá pra fazer as duas coisas ao mesmo tempo?

I: a ... as duas ao mesmo tempo ... se ... se Natal tivesse faculdade suficiente eu acho que sim ...

E: faculdade suficiente ... mas eu falo profissionalmente ... enquanto atividade profissional ... enquanto ...

I: não Marcos ... enquanto atividade profissional ... eu teria que optar entre filosofia ou arte né?

E: por isso que eu fiz a pergunta ...

I: Marcos e ... sinceramente eu acho que eu já ... é ... matei toda a minha curiosidade no campo da filosofia ... no campo da filosofia ... eu estou muito satisfeito ... eu fiz o curso que eu gostaria de ter feito ... tô feliz ... vou terminar muito feliz ... talvez eu num terminasse em nenhum outro curso aí ... mas vou terminar dizendo assim ... estou realizado ... tô feliz ... fiz o curso que eu realmente queria ... e agora educação artística é como ... essa coisa de manusear com as mãos ... isso vem de muito longe ... desde pequeno que eu noto que eu tinha uma tendência natural pra fazer trabalhos manuais ... casinhas de papel ... é autorama de papel ... é fortes de palito ... sempre uma habilidade muito grande ... uma noção muito grande de dimensão de cores ... de ... de perspectiva ...

E: em um outro ... em um outro período da sua vida ... é ... você iniciou essa atividade de pintura?

I: não ... eu ...

E: isso é recente ... isso num é de ...

I: é de uns três anos pra cá ...

E: de uns três anos pra cá ... e ... sem interrupção?

Descrição

E: agora... Aleandro... eu queria que você me descrevesse um lugar que você goste de ficar... ou que já tenha ido... ou que fique muito... mas com o máximo de detalhe possível pra eu imaginar assim... um quadro na minha cabeça...

I: o local que eu mais gosto de ficar realmente é lá na... na varanda da minha casa mesmo... que eu... eu gosto de ficar ouvindo mú::sica... aos sábados à noite... né? prefe... preferencialmente... lá tem::... tem cer::ca... tem... tem um visual muito... amplo... tem um morro assim... em frente... tem árvores... tem uma estrada larga ((falha de gravação)) tem um... um posto médico na fren::te... tem uma escada do lado... tem bastante gato lá... que fica andando de noite lá... pro um lado pro outro... brigando um com outro... eu fico lá assim... né? ouvindo música... de noite... até:: meia-noite mais ou menos...

E: mas a... a varanda... como é que é lá ?

I: a varanda é::/ ela é branca... tem... eh:: tem piso... tem um bocado de flor pendurado na pare::de... tem... tem dois cano que meu pai/ foi o meu pai fez... aí colocou::/ (pegou) dois desses canos de... de água... né? só que ele encheu com... com cimento... com concreto e virou/ ficou feito pilastra... segurando o arame... tem... tem porta... tem jardinei::ra... do lado... tem horta que meu pai faz... meu pai faz/ ele gosta muito de horta... ele faz/ fez uma horta assim... do lado... do lado lá de onde eu fico... eu fico lá sozinho... a noite inteira... gosto muito de ficar sozinho...

Relato de procedimento

E: eh:: agora eu queria que você me falasse... alguma coisa que você sabe fazer e gosta de fazer... e me falasse como que/ e me falasse como se faz isso...

I: é uma coisa que eu gosto de fazer e que eu sei fazer... e gostei de aprender a fazer foi montar uma luminária... né?

E: isso... como... como se faz?

I: primeiramente você pega a calha... pega a calha e::/ tem um:: lugar de colocar o:: porta *start*... aí você tem que furar... os dois buraquinhos do lado... se for lâmpada de duas... porque tem lâmpada/ tem luminária de uma lâmpada... de duas... tem lâmpada de vinte... e tem lâmpada de quarenta também... que é maior... né? e tem... tem lâmpada de três e quaren::ta... três... três eh::/ três lâmpada de/ não... a luminária é::... três lâmpada de quarenta... né? tem quatro e quarenta também... e pra montar elas... você fura o::/ como eu falei... o:: o buraco (pra pôr) o *start*... aí depois você pega e coloca o soquete... o soquete é diferente... tem um simples... e tem um que tem o porta *start* pra você colocar... aí você coloca dois com o porta *start* duplo desse lado que furou... e do outro lado não:: não precisa de furar não... aí você coloca os dois simples... aí você pega e liga um fio... esse::... soquete com porta *start* tem três... três eh::... parafuso nele... e tem um na frente e os dois atrás... você pega nesse da frente... e liga um fio... aí você vai e liga no::/ e esses simples tem dois... aí você num dos dois... aí o outro você liga na frente também... liga num dos dois... aí depois... você/ é preciso do reator... você pega um reator... o reator pode ser convencional ou pode ser partida rápida também... se for convencional... gasta o *start*... né? que eu falei que tem que colocar... e se for partida rápida não... eh:: ele é direto... a eletricidade vai direto na lâmpada... aí você pega e liga o fio... você pega o... o reator... e liga num desses dois pinos que fica atrás... que eu falei... liga um no reator... se for duas lâmpadas... liga dois... que são dois reatores... liga dois reator... esse reator tem dois fios... aí sobra dois... esses dois você liga um com o outro... aí fica assim... o porta *start* com rabicho tem... um fio que sai da frente que vai (pôr) a chave simples... e um fio do reator que liga num... num fio e o outro não... o outro é do *start*... o outro não precisa ligar fio não... aí você pega e::... e... se for dois reator... sobra dois fios... dois do reator você liga... e os outros dois você... enrola... eh:: enrola um no outro... e deixa sobrando... e do lado simples sobram dois parafusos... aí você pega um... um pedaço de fio e coloca... eh:: faz uma ponte... né? pegando nesses dois que sobram... e puxa... aí depois você coloca a lâmpada... e roda a lâmpada e coloca/ não... primeiro você coloca o *start*... aí depois você coloca as lâmpadas... aí você roda... e liga... na força elétrica... direto...

E: ah:: legal... enrolado ((riso))

I: é meio enrolado ((riso))

E: legal ((riso)) difícil aprender a fazer isso... né?

quando se apaga a luz... fica... um lugar... bastante agradável... e calmo... de::/ não é um lugar e possui acústica... assim... tem um som... fechado... né? e é muito bom ficar lá...

Relato de opinião

E: qual o procedimento que tu escolheste pra nós?

I: ah... a técnica vocal... a técnica vocal... quando a gente vai cantar... eh... primeiro a gente tem que ter uma boa postura... né? de estar de preferência em pé... e::... a respiração é fundamental... e o uso do diafragma também... quando a gente... vai cantar... primeiro a gente ins/ põe todo o ar pra fora... depois inspira... com:: a respiração diafragmática... né? tu inspira o ar... e... empurra o abdômem pra trás... o máximo que puder... depois manda a voz pra cima... nunca imagine que a voz está... eh::... com ligação com as cordas vocais... sempre pra cima... a gente imagina que a voz vai pra/ saiu da cabeça... e manda a voz pra cima e a... a gente faz a boca como se tivesse... uma bolinha de pingue-pongue... dentro da boca... né? e pra sair a voz... com a maior abertura... que puder... a boca também... né? sem... sem... intensionar a boca... né? o máximo que a gente puder... e aí o som vai sair com mais facilidade... o canto... né? se você vai cantar da forma como estou falando agora... assim a voz vai sair na garganta... faz “ah... ah...” e a voz sai na garganta... se eu fizer... a respiração... né? inspirar... apertar o::... abdômem... pra dentro... né? e depois soltar a voz pra fora pra ficar ((imitação de canto)) né? aí já sei melhor...

Relato de opinião

E: qual o:: assunto que tu escolheste pra opinar?

I: ah... o aborto... bom... a minha... opinião a respeito do aborto... nunca... nunca uma pessoa... eh::... devia fazer um aborto... exceto... em caso de estupro... né? e nem assim também eu acho que::... só se for::/ aí eu acho que a... a pessoa tem... assim... como é que eu vou dizer? o direito de opinar... a respeito de... fazer o aborto ou não... agora... fora disso... eu acho que... é uma vida... né? é uma vida... embora não saiu ainda pra fora... está ali dentro... tem sentimentos... a pessoa/ a mãe que vai fazer aborto... ela está matando a criança... **a criança não tem nem como se defender... não tem pra onde fugir... não tem fuga... e ela... sofre com isso também... e... realmente é muito animal... quem pratica o aborto...**

E: obrigada... Magda...

I: ah... tem... tem... tem que ter precisão... ter mãos fortes... um formão pra cortar... madeira... depois pra tirar as lascas... e pra peça adquirir a forma desejada... e depois tu lixa... passa o verniz... e... expõe... bota num lugar que tu goste (pra se lembrar que) tu sabe... tu sabe fazer uma coisa útil... que é uma coisa que... te agrade...

E: só o formão que tu usa?

I: só o formão e a::/ o formão... a lixa... e o verniz... pra dar um brilho na peça...

Relato de opinião

E: qual foi o assunto que tu escolheste pra opinar?

I: a educação... eu... como estudante do segundo grau... assim às vezes eu... tenho dificuldade em alguma coisa... e eu acho que isso aí é... é minha culpa... mas... mas depois eu fico pensando... “não é bem assim...” grande parte é culpa dos professores das... escolas primárias... pô... a educação no Brasil hoje está muito defasada... professores que não ensinam... quase nada... depois... tu sai colégio... fraco... depois tu entra pra um... pra um outro... de maior... de maior assim... qualidade do ensino... tu sente muito a diferença... tu cai muito nas notas... eu acho que tinha mais é que haver uma reforma grande disso aí... pra melhorar o ensino... senão não tem condições... fica difícil...

E: obrigada...

PARTE ESCITA

Narrativa de experiência pessoal

Quando eu estava cursando a 8ª série a matéria que mais me fascinava era química. Não sei a razão de eu gostar tanto de química, mas eu chegava do extremo de depois da escola, em casa, ler (revista) revistas, livros sobre (a) o assunto, e até mesmo discutir com o meu professor. A consequência disso foi a de eu ser o melhor aluno em química da aula, e também ser convidado para participar de

aulas experimentais de biologia. Mas o que realmente me (deixo) envaideceu foi ser convidado a ser monitor de ciência (do ano) da 8ª série do ano letivo seguinte.

Esse trabalho me deu muita autoconfiança e fez nascer em mim o desejo de lecionar ciências.

Narrativa recontada

Tenho um amigo que faz três anos que terminou o 2º grau, mas somente em 93 ele prestou vestibular. Ele queria muito fazer letras na FURG, mas não sei a razão dele prestar vestibular para Direito. Passou, começou a ir as aulas, e percebendo que não era exatamente aquilo que queria. Resolveu pedir informações à sua professora de português sobre a profissão dela. Ela começou a falar duas ou três palavras sobre a sua profissão, mas não com muita convicção, falando que Direito era melhor. Meu amigo (com o fato) desorientado com o fato de (o) um professor não falar com entusiasmo da sua profissão, resolveu seguir (Direito) a faculdade de Direito.

Descrição de local

Quando eu tinha 8 anos fiz uma viagem, (com meu pai) com (co) meu pai, a (pi) Piratini.

Acho que leva uma tarde, viajando de ônibus, para chegar lá. Depois só de carro, por que a estrada que leva à casa de minha tia é estreita e de chão batido. O próximo obstáculo é um riachozinho, depois subir (o) o morro, onde fica a casa. A cidade é muito bonita, pelo menos a parte do campo. De manhã aquele sereno no ar abre os pulmões, os cavalos na (con) cocheira, os porcos no chiqueiro, alguns animais já soltos no pasto enriquecem aquela paisagem linda. (b) Depois do café eu saía com meu primo, e nós pegávamos outra estrada de chão batido, muito estreita. Quanto mais nós caminhávamos, mais a estrada parecia a estrada. Para mim naquela época a estrada parecia não ter fim. A cidade tinha muitas árvores: eucaliptos, pinheiros, acácias, limoeiros, etc.

Principalmente no morro, não todo, em certos locais em que elas se aglomeravam.

Relato de procedimento

Para se fazer entalhe em madeira é preciso duas coisas fundamentais: um formão, que tem que ser estreito e (mul) muito(s) afiado; e a madeira, que tem que ser de boa qualidade e fácil.

Narrativa recontada

A minha cunhada me contou que um dia ela vinha com a mãe dela pela rua quando de repente a mãe dela tropeçou e caiu, e não conseguia levantar, e ela ao invés de ajudar, não parava de rir do modo engraçado que sua mãe tinha caído, pois parecia que ela iria sair rolando.

Descrição de local

O local onde trabalho é uma peça retangular, tem duas janelas grandes, o forro é alto, a construção desta peça é antiga, as paredes são pintadas de branco e são um pouco marcadas, nesta peça há um armário com duas portas, quatro estantes de ferro cheias de livros e duas mesas para mim e minha colega de serviço. A luminosidade é boa, e, é bastante arejada, tem violetas nas janelas e (encima) em cima do armário e das estantes.

Relato de procedimento

Para fazer picolé de creme é só colocar um litro de leite a ferver, enquanto isto pegar dois ovos inteiros e uma xícara de açúcar e misturar como se fosse uma gemada. Assim que o leite subir despeje a gemada no leite e mexa, quando engrossar é só apagar o fogo e deixar esfriar para colocar no refrigerador.

Relato de opinião

Eu acho que o problema de haverem menores de rua é em grande parte do governo.

A solução na minha opinião seria uma ajuda do governo aos menores que já estão por aí, dando a eles empregos e escola e aos pais desses menores auxiliar em um projeto de planejamento familiar; porque as pessoas não sabem o que é isso e não tem acesso a uma assistência médica para poder controlar o número de filhos que querem. Acaba que tem um monte de crianças na rua e o governo já não sabe o que fazer e nem a gente, pois (estão) crianças estas crianças estão se tornando marginais.

Informante 4: Giovane

Sexo: masculino

Idade: 17 anos

Data da coleta: oral- 14/10/93 ; escrita- 21/10/93 e 27/10/93

PARTE ORAL

Narrativa de experiência pessoal

E: bom... Giovane... gostaria que tu me contasse alguma coisa... da tua vida... pessoal... alguma experiência... da tua vida que te marcou...

I: bom... eu vou falar sobre... a minha entrada no colégio São Francisco... que é um colégio particular... eu estudei todo o primeiro grau num colégio... eh... estadual... né? cuja minha mãe cursava... artes... né? dava aula de artes... e eu me sentia... pra... praticamente em casa naquele colégio... não sei se porque a minha mãe... dava aula lá... acho/ acredito que sim... e vivi a maior/ oito anos da minha vida lá... bom... quando eu... eu fiz um teste... né? um/ uma espécie de... um mini-vestibular pra entrar no São Francisco... eram noventa candi... candidatos pra:... quinze vagas... vinte vagas... eu passei no teste... tirei o oitavo lugar... fui super bem... né? e pensava que era um colégio normal como o outro... né? **realmente... é um colégio normal como o outro... só que as condições que se colocam/ que eu... estava acostumado... meio ap/ é... um colégio meio... eh... vamos dizer assim... maternal...** que era o que eu... né? estudava no Bibiano... aqui eu não encontrei... são coisas que a gente aprende na nossa vida... no primeiro dia de aula... aconteceu uma coisa muito curiosa... o irmão.

I: não... vou te contar uma história que alguém me contou então... que foi:... agora nesse fim de semana... esse negócio da Jôse... né? sabe? mas a gente sempre se deu bem:: assim... nós somos pessoas totalmente diferentes... entendeu? a Jôse () ela foi noiva... e estava:... estava meio desmotivada::da... estava saindo com um... com outro... com outro... aí então hoje a/ hoje... a Jôse está assim... apaixonada... porque ela conheceu um cara... ah:... esse fim de semana... e o cara:... oficial da marinha/ ah... eu não... não sei muito que posto é o cara... não é comandante... é capitão-tenente ou qualquer coisa assim... então nós estávamos nós três... eu... ela e outra amiga no Tigrão... e aí ela che/ ela chegou... aí chegou esse cara com outro cara... feio que dói... eu sei que aí:: o cara conversou com ela... mas o que eu vou te contar foi o que ela me contou... né? ah... nós fomos no baile da engenharia... e aí ela ficou sozinha com o cara lá e eu fui embora pra casa... ah:... e diz que:: ela fechou assim... sabe? quando a pessoa está desacreditada da/ dos homens... da vida... e... do amor e... de tudo... ela:: realmente ela está apaixonada pelo cara... e está preocupada... e o cara falou que nunca viu uma pessoa... que parece que foi um estalo... assim... deu uma coisa... um clique neles... eles passaram a noite toda conversando e não ficaram juntos... aí ela ficou:... ficou... pensando nele... no outro dia por acaso se encontraram no mesmo restaurante que iam almoçar no domingo... ela ia almoçar com a mãe dela e o pai dela... e ele ia almoçar com os amigos dele no navio... e... aí depois na/ isso... eh... isso foi no domingo... e depois no domingo de tarde ela tinha combinado de ver o jogo... com ele... né? e no domingo/ na segunda-feira de manhã ele ia... embora... pra Argentina... que ele trabalha num:: na/ num navio/ não é bem navio... é uma:: esse troço aí... submarino... eu acho que é ... que não tem um/ não pára assim... pára dois dias num lugar e segue para/ o trabalho delas é sempre em alto mar... né? **então agora eu não sei se isso é um refúgio dela... ou se ela realmente... ela está apaixonada pelo cara...** diz que o cara se encantou com ela... ela se encantou com o cara... e:: o cara está:: está:: vai ficar longe... vai ser sempre assim a vida toda longe... então ela está muito decepcionada... chora... chora... chora... chora... não sei se foi uma boa história... mas isso ela me contou e eu fiquei:... chocada/ assim:... chocada porque é uma pessoa que... que...

Descrição de local

E: agora falta a... a descrição... descreve um lugar... pode ser qualquer lugar que tu queiras... escolhe uma coisa... e descreve... você disse que através da tua descrição vai me mostrar essa coisa... tua casa ((riso)) faz um tempo que eu não vou na tua casa... como é que ela está agora?

I: minha casa... a minha casa é muito diferente do que () porque a minha casa tem móveis assim::

bonitos... um apartamento... dois quartos... dois quartos... tem:... uma cozinha pequena... estreita... uma sala ampla que dá pra dois ambientes assim... relativamente ampla... e um banheiro... e o banheiro tem:... tem vaso... uma pia... um armário de plástico sem espelho... porque foi quebrado... e:... a cortina não é... não é box... é uma cortina dessas de plástico... sempre tem que ter as toalhas do banheiro... e: no chão sempre tem um tapetinho pra:: segurar o vazamento que sai do teto... a minha janela do banheiro é toda enferrujada... ah:... saindo do banheiro tem um corredor... com um espelho grande... que também está rachado... aí tem a:: saída pros dois quartos... um dos quartos é meu... que é o de casal ... tem um guarda-roupa embutido que:: conseguiu se acertar... certinho para aquele espaço... ah:... e o guarda-roupa é branco... e infelizmente não tem os puxadores dourados... guarda-roupa de seis portas com maleiro... em cima fica um vão ainda que eu guardo as minhas malas... tem a minha penteadeira... que é uma penteadeira de ferro branca... com puxadores dourados em todas as gavetas pequenas... e um:... um espelho meio... oval... em cima da penteadeira eu mantenho um retrato com a minha foto... da formatura... e um vaso com umas flores que... que já devem ter murchado... é... que já murcharam... e uma bi/ minha bolsinha de pintura... as gavetas da penteadeira nada/ não cabe nada... mas... tudo está socado ali dentro... a cama... tem os pés voltados pra:... penteadeira... e:... dois bidês ao lado... é uma cama de casal... branca... de ferro... com um detalhezinho dourado... tem um crucifixo... no meio da cama... que eu coloquei... num terço assim... o meu bidê... do canto da janela... tem ah:/ os dois/ são dois bidês com... prateleiras de vidro... o meu bidê do canto da janela tem... embaixo um guardanapo branco... na prateleira de vidro de baixo tem um guardanapo branco... um:... um Tio Sam daqueles () dos Estados Unidos... em verde e branco... em cima... tem um abajur verde com a cúpula branca que está todo arrebitado... eh... e tem um tê na parede... que é pra ligar o abajur junto com a rádio-relógio... no... no meio do bidê da:... direita... tem:/ também há duas prateleiras de vidro... o rádio-relógio... um abajur verde... com pé verde... de

forman/ os possíveis formandos do... do próximo semestre... eles estão fazendo:... esse estágio... então eles... eles é que entram... fazem a função da promotora... né? não cobram nada... e isso é um:... procedimento que:... é super válido... porque depois que entra com isso aí é certo que ganha... né? teve um caso lá muito sério... muito:... bom que foi um procedimento... que teve por carta rogatória... carta rogatória é quando:... o pai mora num/ esse possível pai... suposto pai... mora noutro país... né? o pai era uruguaio... ela teve um:... um... um filho... ela teve um filho... ela engravidou dele... ela trabalhava no circo... engravidou dele... e ele:... ia assumir a criança... mas a família dele por duvidar da... da:: hombridade dela e de tudo... meteu quente... e como ela era... ela era bem mulher... ela tinha uns:... vinte e seis anos por aí... e ele um guri de 20... ela/ ele cedeu pra família... e chamar o guri... chamar/ chamava o guri de (filho)... sabe? foi um caso assim que chocou... todo mundo lá no SAJ... aí ele entrou/ nós entramos pra ela lá no SAJ... quando eu ainda estava lá... nós entramos com... com um pedido de... de investigação de paternidade... só que pra citar o cara... tem que ir por carta rogatória... e isso criou/ isso aí... há possibilidade de quando o cara for citado no Uruguai... tem que... tem que fazer assim... tem que mandar uma/ pedir pra ser citado por carta rogatória... petição dizendo “fulana de tal/ fulano de tal:... representado por sua mãe:: beltrana... tal... tal... tal... vem requerer seja... ah... que o pai venha registrar a criança...” efetivamente é isso... né? e aí pra citar o/ pra citar ele... você tem que... pedir por carta rogatória... quando chegar lá essa tua petição... que está em português obviamente... tem que ser... eh:... tem que ser transcrita... na língua... espanhol... na língua deles lá... e aí o cara é citado... então... com a tradução já... na mão... aí o cara tem mais um/ depois da citação... o cara tem um mais monte de dias pra contestar aquilo... aí ele contesta na língua dele... e manda aquilo pra cá... e aí alguém transcreve aqui em português... tem uma possibilidade de quando o guri ganhar alimentos... que é a pensão alimentícia que ele... certamente vai ter que pagar... que o guri até a cara dele/ a gente junta fotos... junta tudo... o guri deve estar com uns dezoito anos... trabalhando já... e não vai precisar mais ele pagar...

E: não vai ter mais [direito também...]

I: [não vai mais] ter direito também... mas... () assim que é... inovação do... do/ e agora com essa lei que surgiu... que criaram agora... me esqueci o número da lei agora... mas é uma lei que surgiu agora... e é uma coisa que às vezes as pessoas ficam pensando “ah... eu vou procurar um advogado pra:... pra... fazer tal coisa... vou procurar um advogado... vou procurar um advogado...” ele não precisa procurar um advogado... é só ir no SAJ... tem estagiários lá... ou senão ir na promotoria... a promotoria encaminha pro SAJ... e ah... fica/ sai muito mais barato... indolor... e não tem:/ tu não tem o ônus de

estar te incomodando... né? porque antes era a mãe que tinha que provar “olha... eu dormi com esse... dormi com esse... dormi com esse... mas esse eu tenho a certeza que é o pai...” como é que ia provar isso? então hoje:... tu diz que é fulano... e ele que se vire pra provar que não é ele... enfim...
E: é isso mesmo...

Relato de opinião

I: () vou aproveitar e dar a opinião... né? porque pra mim amor é/ amor... ah... ah:... assim de:... à primeira vista... não existe isso... existe atração física... existe:... tesão:: existe:... carinho... curiosidade que é uma coisa muito forte... mas... amor à primeira vista... não sei nem se existe amor... no mais amplo sentido da palavra... né? tu imagina amor à primeira vista... então/ e ela está/ me... deixou até cabreira com isso... de repente é uma carência dela... né? sobre:: o que ela... o que ela viveu... está tão decepcionada com a vida... e agora... só porque não ia dar certo mesmo... porque o cara vive viajando... ela... botou essa idéia de amor à primeira vista e está vivendo isso... mas eu acho que isso é uma:... uma coisa sem muito sentido... apesar dela estar tentando até me mostrar o contrário... né? ela não pára de pensar no cara... ela chora que nem uma adolescente de dezesseis anos... uma **mulher com vinte e três... que foi noiva... prestes a casar... está tendo/ está me demonstrando ou muita fragilidade... que eu não consegui definir... ou muita fragilidade... muita decepção... carregada de um monte de coisa junto... ou:... realmente amor/ a... a idéia de primei/de amor à primeira vista que eu nunca:... tinha tido antes.. né?**

E: e ... e a bíblia né ... tem gente que ... diz que não acredita em religião ...

você acredita que mesm

o sem acreditar em religião ... a pessoa acredita na bíblia por exemplo ...
nós né? falamos que é a palavra de Deus ...

que vocês crentes ...

I: olha ... é ... a gente encontra várias pessoas aí ... por exemplo teve um dia que eu tava falando com um homem ... que ele disse que ... a bíblia pra ele era como qualquer outro livro de história né ... mas existem pessoas que por exemplo ... que não acreditam em religião ... e ... elas dizem que ... elas dizem que acreditam na bíblia ... né? dizem que crê ... e ... fica uma certa ... **eu tenho uma certa dúvida quanto a isso se elas acreditam realmente ... sabe?** elas dizem que ... acreditam ...

que

acreditam na bíblia ... mas a minha dúvida é que se acreditassem ... se acreditassem na bíblia ... né ... elas ... tinham alguma mudança de vida ... nisso ... nosso mundo seria talvez bem melhor ... né ... se elas realmente acreditassem na bíblia ... mesmo essas pessoas que dizem que ... não acreditam ... por exemplo ... não ... eu não acredito em religião não ... mas ... você crê em Deus? creio ... creio em Deus ... você acredita que a palavra de Deus é verdade? acredita que realmente tudo o que tem na bíblia é verdade? acredito ... num é? mas ... num procuram ler ... num procuram estudar ... num procuram entender ... né? não procuram seguir nada do que tem ali ... **então eu fico com uma dúvida se elas realmente ... se elas realmente crêm ... acredita na bíblia** ... e ... às vezes eu fico ... achando que não ... eu fico achando que elas realmente não crêm ... mesmo elas dizendo que acreditam ... elas na verdade não crêm ... porque se cressem ... elas obedeciam ... se cressem na bíblia ... elas creriam em Deus ... quando você crê em Deus de verdade ... você obedece ... você ama a Deus ... você ama as pessoas ... o seu próximo ... ama a pessoa que tá ao seu lado ... procura obedecer tudo o que Deus faz ... então quando a pessoa diz que acredita em Deus ... ela pode até crer ... pode até ser uma pessoa crente ... é eu acredito e tudo ... mas se não obedece ... num é um crer de verdade sabe? num é um amor a Deus ... acredita ... pronto ... acreditam ... mas não amam a Deus ... eles podem até crer que ele existe ... mas não amam ...

E: é possível que na igreja ... cristãos ... cristãos ... na igreja protestante ... evangélica ... tenha pessoas assim ... que brincam ... só de cristão?

I: a prova que é possível ... que existe tantos escândalos ... tantas coisas ... né? que muitas vezes levam as pessoas não acreditarem ... né ... na ... na ... na igreja evangélica ... né? se bem que nas outras religiões ... têm isso ... mas nas outras religiões ... nas outras seitas ... mas quanto a elas a gente não precisa nem ficar surpreso ... né? porque se ... por exemplo ... existe uma seita que ... não vem de Deus sabe ... e as pessoas não acreditam isso então de repente existe ... o escândalo quanto a isso é o mínimo que poderia acontecer no meio onde as pessoas não seguem realmente ... a Deus ... mas no meio evangélico existe ... existe muitas pessoas que querem se aproveitar ... querem se aproveitar do nome ... para conseguir alguma coisa né ... existe ... existe políticos dentro da igreja querendo ganhar votos ... querendo se candidatar ... existem pessoas que ... querem vender ... que querem ganhar um pouco mais de dinheiro ... existem ... todo tipo de gente existe ... né? existem pessoas que querem escapar de ... de ... da ... de pressões lá fora ... e entram dentro da igreja mas ... é a prova que existe esse tipo de gente ... que na verdade não crê realmente em Deus ou então que não amam a Deus ... né ... que existem tantos dos escândalos por aí ...

dois ovos inteiros ... três colheres de margarina ... uma de chá de baunilha ... uma de chá de leite ... e o recheio é o seguinte ... são quatro ovos ... meio ... meia xícara de leite ... uma lata de creme de leite sem soro ... duas de açúcar ... uma colher de sopa de margarina ... uma colher de sopa de raspa de laranja ... ou limão ... três colheres de sopa de farinha de trigo ... um copo de requeijão ... três colheres de sopa de passas ... sem sementes ... e:: cinco colheres de sopa de ameixa preta picada ... é:: o modo de preparar ... também é bem simples ... é o seguinte ... colocar todos os ingredientes da

massa ... numa tijela grande ... de batedeira ... e:: você tem que bater ... tem que colocar tudo na/ na/ na tijela né ... da batedeira e tem que bater com os batedores e:: como é ... para massa leves ... porque tem vários batedores ... aí você tem que colocar ... o que é pra ... realmente bater massa leve ... e juntar tudo e bater ... e:: ligar né ... na velocidade ... na velocidade total da batedeira ... até a massa ficar homogênea ... despejar numa assadeira número três ... untada e polvilhada ... e reservar ... e o preparo é o seguinte ... coloque oito ... os oito primeiros ingredientes do recheio ... na tijela grande ... da batedeira ... e bata com os batedores ... para massa ... para massa leves ... ligue na velocidade baixa até ficar homogênea ... depois ... é ... você vai distribuir sobre a massa ... e espalhar por cima ... as passas e as ameixas ... leve para assar em forno médio por trinta e cinco minutos ... sirva frio ... o tempo do preparo é de quarenta minutos ... aproximadamente ... rendimento ... doze porções ...

E: você já fez essa receita antes?

I: não ... **porque isso eu aprendi faz pouco tempo né ... aí eu ainda vou ver como é que vai ficar ... pra mim ver ... se realmente ... dá certo ... se é gostosa também né ...** porque eu aprendi faz pouco tempo ... ontem ... aí pra ... assim ... só de vista ... dá pra perceber que é gostosa ... mas vou fazer ainda ... pra ver se vai dar certo ...

E: e receita de bolos simples ... sem ser nobre?

I: bem ... bolo simples ... eu tenho o bolo de ovos ... porque bolos mais ... cheios de ... tem mais ingredientes ... eu já num sei muito bem ... fazer não ... sempre tem que tá ... lendo alguma coisa né ... pelo menos ... assim ... pela receita ... tem que tá lendo ... aí tem bolo de ovos ... é a única que eu sei fazer assim só ... sem decorar ... sem nada ... aprendi assim ... e pronto ...

Relato de opinião

E: Gerlândia ... qual é a sua ... opinião ... sobre o vestibular? você acha que ... é uma ... você num vai fazer vestibular agora ... mas você acha que é uma maneira certa de avaliar um aluno pra entrar na universidade? qual é a sua opinião?

I: bem ... é:: é o seguinte ... como hoje em dia ... já que antes ... bem ... bem antes ... né ... o pessoal já fazia vestibular ... pra ... pra exercer um cargo né ... que ... já que a pessoa quer ser alguém na vida como diz o ditado ... se a pessoa quer ser alguém na vida ... a gente deve estudar bastante ... e pra ... e já que inventaram esse meio ... esse meio que a gente diz assim ... o seguinte ... pra gente mostrar os outros como a gente ... o estudo da gente hoje em dia vale alguma coisa né ... pelo menos isso ... aí o meio que pelo menos inventaram ... que hoje pelo menos ainda tá ... ainda dá certo ... hoje em dia é o vestibular ... pelo menos ... na minha opinião ... eu acho bem ... interessante ... porque ... no mundo de hoje em dia né ... nesse mundo que a gente vive hoje em dia ... tem muitas pessoas inteligentes e:: que poderiam até inventar outro meio de ... de provar como alguém pode ... como é demonstrar o que aprendeu né ... durante a vida todinha de estudo ... e ... como é ... mas como num apareceu ainda esse que inventasse outro meio diferente de ... da pessoa demonstrar o seu ... o seu ... o seu interesse ... ou então o seu aprendizado ... o melhor método que tem hoje em dia é o vestibular ... e:: como é ... é um meio também assim ... eu acho também super interessante porque é um meio que você ... deve se preparar ... é o seguinte ... você ... o preparamento que a gente tem pra poder ... entrar numa faculdade ... pra fazer vestibular deve ser o seguinte ... é:: terminar né ... o terceiro ano ... daí ... deve fazer um cursinho ... que lá eles preparam ... todo tipo de matéria ... você vai renovar aquelas matérias ... a sua experiência ... você vai renovar né ... de ... de ensino e aprendizado ao mesmo tempo ... e depois ... deve continuar ainda o aprendizado até ... que chegue a época do vestibular ... porque aí você vai ter ... vai se ... como é que se diz.

(59))... germicida... ele vai desinfetar essa

pele... depois que você fez isso vai passar para a fase de relaxamento... você vai usar um creme a base de vitaminas... eh:: **geralmente** com base oleosa...

(60) A entrevista foi boa apesar de depois que começamos a gravação um grupo de pessoas se aproximou e ficou conversando relativamente próximo de nós duas. Eles nem se tocaram pra falar baixo nem nada, mas eu achei melhor não parar a gravação já não estava incomando muito. De vez em quando (quando eles falavam gravação. (Rio de Janeiro)

(61) Vou dar uma opinião sobre a situação econômica que provavelmente deveria ter mudanças no final deste ano visto que as taxas de juros nas aplicações em CDB/RDB, poupança e outros estão muito elevadas em relação a inflação divulgada.

(62) ele deita novamente o incenso no turíbulo...eu fecho o turíbulo... e vou pra:... pra mesa da palavra

(63) Vou relatar como é o meu trabalho na clínica; eu atendo telefone, marco consulta, vou a banco, entrego contas, atendo os pacientes, preencho os formulários dos pacientes, faço faxina e diariamente lavo banheiro a varanda, limpo os moveis faço tudo, ou seja, de tudo um pouco. (predicador

